



UNILAB

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

CAROLINE LIMA DOS SANTOS

**MULHERES NEGRAS: NARRATIVAS QUE CRUZAM
A VIVÊNCIA CULTURAL NA PERIFERIA DE SÃO PAULO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2016

CAROLINE LIMA DOS SANTOS

**MULHERES NEGRAS: NARRATIVAS QUE CRUZAM
A VIVÊNCIA CULTURAL NA PERIFERIA DE SÃO PAULO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Bacharelado em Humanidades, Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof^a Dra. Matilde Ribeiro.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2016

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S234m

Santos, Caroline Lima dos.

Mulheres negras : narrativas que cruzam a vivência cultural na periferia de São Paulo /
Caroline Lima dos Santos. - 2016.

55 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2016.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Matilde Ribeiro.

1. Negras - São Paulo - Condições sociais. 2. Periferias - São Paulo - Relação com
mulheres. I. Associação Frida Kahlo. II. Barbosa, Chindalena Ferreira - História e crítica.
III. Melo, Roberta Guilherme - História e crítica. IV. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 305.898161

CAROLINE LIMA DOS SANTOS

**MULHERES NEGRAS: NARRATIVAS QUE CRUZAM
A VIVÊNCIA CULTURAL NA PERIFERIA DE SÃO PAULO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Bacharelado em Humanidades, Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em: 01/12/2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Matilde Ribeiro (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira

Prof.^a Dr.^a Maria Cláudia Cardoso Ferreira

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira

Prof.^a Dr.^a Márcio André de Oliveira dos Santos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira

AGRADECIMENTOS

Registro meus sinceros agradecimentos:

À Prof^a Dra. Matilde Ribeiro, que desde o começo deste trabalho não desistiu de mim; mesmo nas adversidades continuou a me incentivar a escrever e dar a minha cara a esta pesquisa; a partir da minha chegada à UNILAB, é uma grande referência como mulher, como intelectual, como militante; agradeço profundamente pelas provocações que me fizeram tentar ir além e aperfeiçoar o potencial que já existe em mim; a quem devo a conclusão desta monografia.

À Prof^a Dra. Cristiane Santos Souza, que me concedeu a oportunidade de ser bolsista no projeto “Biblioteca Náutica na Baía de Todos os Santos”, o que me fez ser muito mais participativa nas instâncias acadêmicas (talvez também pelas responsabilidades que ser bolsista exige) e tem também me instigado a buscar e concretizar vários sonhos já sonhados e ainda os que estão por vir; sou profundamente feliz por participar e ajudar a construir junto, como conversamos certa vez nosso processo quilombola, todos somos parte importante no fazer, e todos fazemos juntos. A investida nesse projeto tem ampliado minhas possibilidades de conhecer mais sobre a cultura e pensar a importância da leitura e da circulação de conhecimentos que quebram os processos hegemônicos do saber.

Ao corpo docente da UNILAB, que tem nos acompanhado de uma forma que nunca presenciei em nenhuma outra Universidade, com cuidados dedicados aos estudantes, demonstrando que as hierarquias encontram fronteiras que podem ser ultrapassadas através do respeito mútuo e por acreditarem na potencialidade de nós discentes desse campus, que carrega consigo um nome de resistência ancestral.

Ao Prof^o Dr^o Pedro Acosta Leyva, pela experiência que dividimos durante a viagem a Cabo Verde (continente africano), pelo seu cuidado e atenção conosco, por nos apoiar desde as primeiras disciplinas e sempre ter nos incentivado durante todo esse percurso.

Ao Prof^o Dr^o Paulo Proença, por gentilmente ter colaborado com as últimas correções deste trabalho.

Aos meus amigxs, especialmente, que são minha família na Bahia: Beatriz Borges Bastos, Bruna Aparecida Talita Maia e Ícaro Santos Amâncio; nem sei o que seria de mim sem essas pessoas que, desde os primeiros momentos em que pisei nesse território, cruzaram meu caminho, minha trajetória, minha vida. Todas as trocas e construções diárias me possibilitaram concluir este trabalho com um sentimento de pertença e afetividade tão importante, levando em conta nosso cenário social cruel para pessoas como nós em que os

corpos transcendem todas as formas de normatividade; a vocês meus queridxs só posso desejar que nossas trajetórias continuem cruzadas em um nó que não se desate nunca mais.

À minha atual companheira Adriane Santos da Silva, por caminhar junto comigo, por me fazer enxergar as mazelas dessa sociedade racista, sexista e classista; e juntas nos perceber mulheres negras maravilhosas; por ser a pessoa incrível que é e me mostrar todos os dias qual é o meu papel na sociedade construindo um processo de intelectualidade negra; por me fazer questionar todos os dias também o papel da academia e da produção científica; incentivando a concluir este trabalho e entendendo a minha ausência; pela saudade, amor e companheirismo dividido durante o processo de concretização, me mostrando a pessoa bonita que sou; nunca me esquecerei de nossas primeiras Abayomis que caminham de mãos dadas no infinito do nosso encontro.

Às interlocutoras desta pesquisa, Chindalena Ferreira Barbosa e Roberta Guilherme Melo; desde o início de nossas conversas e reflexões a empatia foi imediata e devo imensa gratidão pela atenção e tempo disponibilizados; a Roberta agradeço por todo apoio que ela me deu desde os primeiros momentos, por fazer com que nossos encontros parecessem mais reencontros e não posso deixar de dizer que foi um grande prazer conhecer Chindalena Barbosa que desde já se tornou uma imensa inspiração, pela grande mulher e ativista que é.

Ao meu pai Edson Bispo dos Santos, por ser o principal motivo de eu estar na Universidade que, no meu processo íntimo de querer entrar na educação superior pública, possibilitou todos os recursos para que eu retornasse à terra dos meus avós, por quem tenho um carinho gigantesco e estarei junto nos momentos bons e nas fragilidades mesmo na longa distância que nos separa.

A minha mãe Silvia Helena Lima Gondim, por ser a mãe *coruja* que é, por sempre desejar o meu sucesso e me acompanhar, mesmo distante e mesmo nas discordâncias me amar

infinitamente, entendendo aos poucos a mulher que estou me tornando; obrigada pelo orgulho que sente por mim; obrigada por não deixar que eu desistisse, me lembrando em todas as nossas mensagens e ligações qual o principal objetivo de eu estar aqui.

Aos meus amigos da Zona Leste de São Paulo, que são parte importante da minha formação juvenil e hoje vivem em minhas memórias; agradeço a todos eles por todos os momentos que dividimos junto na Casa de Cultura Sociedade Alternativa, que aparece neste trabalho como um dos principais motes da minha escrita.

A toda minha família, que me incentiva e apoia mesmo nas minhas consideradas loucuras e sonhos a serem realizados, em especial a minha tia Rose Santos Araújo, que

desde antes de eu me tornar essa mulher que quebra paradigmas, que é dona de si, que não tem medo de ser mulher, que desconstrói o machismo só por existir, me defendendo como leoa que defende suas crias, sempre foi e sempre será um espelho dos riscos e cores pelo meu corpo; que é minha amiga e confidente, e hoje preenche a sua maneira o vazio deixado pela partida da minha avó Odete dos Santos, minha eterna fonte de sabedoria e amor, a quem também dedico este trabalho.

Em uma cultura de dominação e anti-intimidade, devemos lutar diariamente por permanecer em contato com nós mesmo e com os outros. Especialmente as mulheres negras e homens negros, já que nossos corpos são os corpos que frequentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados, mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando os nossos corpos, participamos de uma luta libertadora, que liberta a mente e o coração

Bell Hooks

RESUMO

Este trabalho surge a partir da narrativa de Chindalena Ferreira Barbosa e Roberta Guilherme Melo, ambas pertencentes ao projeto "As mulheres negras têm história e as jovens negras estão aqui para contar", realizado pela Associação Frida Kahlo (AFRIKA), na Zona Norte do Município de São Paulo. A partir de impressões sobre o processo de formação desse projeto, executado no ano de 2009 e do percurso dessas mulheres em sua construção identitária, na qual a produção de cultura está em constante diálogo com o trabalho que a AFRIKA vem realizando ao longo de sete anos com a juventude negra na periferia do município. O objetivo geral foi evidenciar através da história do projeto e de sua formação o quanto o ativismo da juventude negra na periferia está completamente ligado à cultura e suas linguagens. O racismo e os estigmas que dele surgem com a reprodução do racismo, são parte estrutural da sociedade brasileira; sendo assim, essas estruturas são perpetuadas também através da cultura. Como esse campo não está cristalizado, é possível, através de projetos como este, alterar pontualmente as dinâmicas que são afetadas pela discriminação racial, fazendo com que a juventude negra crie ferramentas para conseguir *driblar* o racismo diário e institucional.

Palavras-chave: Associação Frida Kahlo. Barbosa, Chindalena Ferreira - História e crítica. Melo, Roberta Guilherme - História e crítica. Negras - São Paulo - Condições sociais. Periferias - São Paulo - Relação com mulheres.

ABSTRACT

This work appears starting from the narrative of Chindalena Ferreira Barbosa and Roberta Guilherme Melo, both belonging to the project "The black women have history and the black youths are here to count", accomplished by the Associação Frida Kahlo (AFRIKA), in the North Area of the Municipal district of São Paulo. Starting from impressions on the process of formation of that project, executed in the year of 2009 and of those women's course in his/her construction identitária, in the which the culture production is in constant dialogue with the work that AFRIKA is accomplishing along seven years with the black youth in the periphery of the municipal district. The general objective went to evidence through the history of the project and of his/her formation the as the black youth's activism in the periphery is completely linked to the culture and their languages. The racism and the stigmata that appear with the reproduction of the racism of him, they are structural part of the Brazilian society; being like this, those structures are also perpetuated through the culture. As that field is not crystallized, it is possible, through projects as this, to alter the dynamics that are affected for the racial discrimination on time, doing with that the black youth creates tools to get to dribble the daily and institutional racism.

Keywords: Associação Frida Kahlo. Barbosa, Chindalena Ferreira - History and criticism. Black woman - São Paulo - Social conditions. Melo, Roberta Guilherme - History and criticism. Suburb - São Paulo - Relation with women.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CAPÍTULO I: A CULTURA E SUAS INFINITAS POSSIBILIDADES	16
2.1	CRIAÇÃO E REVERSÃO DE ESTEREÓTIPOS NO CAMPO DA PRODUÇÃO E VIVÊNCIA CULTURAL	16
2.2	DOS ENCONTROS E DESENCONTROS POSSÍVEIS NAS IDENTIDADES CULTURAIS DA JUVENTUDE PERIFÉRICA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO	20
2.3	ENCONTRO COM AFRIKA	24
3	CAPÍTULO II - AS MULHERES NEGRAS TÊM HISTÓRIA E AS JOVENS NEGRAS ESTÃO AQUI PARA CONTAR	30
3.1	AFETIVIDADE, COMPROMETIMENTO E MULTIPLICAÇÃO: CONSTRUÇÃO POLÍTICA DE CHINDALENA BARBOSA E ROBERTA MELO	30
3.2	JOVENS NEGRAS TECENDO MEMÓRIAS ANCESTRAIS	39
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	50
	APÊNDICE	53

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia nasce da interlocução com duas integrantes da Associação Frida Kahlo (AFRIKA), Chindalena Ferreira Barbosa e Roberta Guilherme Melo, permeando suas visões sobre a construção pessoal e coletiva do projeto “As mulheres negras têm história e as jovens negras estão aqui para contar”, iniciado no ano de 2009, dando continuidade as suas atividades propostas até o presente ano.

O encontro com a Associação Frida Kalo não nasce por acaso, no mesmo ano que as mulheres da Associação deram início ao projeto, eu e meus colegas do *Movimento Sociedade Alternativa*¹, nos encontramos e começamos a formar nossas redes de diálogo, todos nós morávamos na Zona Leste do Município, onde os primeiros integrantes se conheceram em uma Casa de Cultura localizada no bairro Teotônio Vilela, na região de Sapopemba/SP.

Por meio desse círculo de amizade foram formados núcleos de estudos, nos reuníamos nas casas dos integrantes para estudar, assistir filmes, discutir política, aprofundar nossos conhecimentos que estavam sendo construídos com o objetivo de nos prepararmos para o ENEM e os vestibulares das Universidades Públicas.

Ao longo de dois anos depois surgiu a ideia de fundarmos uma Casa de Cultura no bairro em que a maioria dos integrantes moravam, a proposta consistia em abranger uma série de atividades culturais e políticas que contemplasse a juventude da região, além da consolidação de uma biblioteca comunitária, visto que no nosso bairro as opções eram escassas, apenas o CEU (Centro Educacional Unificado) Sapopemba e a Fábrica de Cultura na mesma região.

Nossa percepção era de que estes espaços apesar de ter uma estrutura muito boa, não conseguiam fomentar a participação das juventudes da região, as atividades eram pouco divulgadas e não havia uma interlocução continuada entre a gestão dos espaços e as produções culturais já existentes.

Após muita reflexão, nos inscrevemos no Edital do programa VAI (Programa de Valorização de Iniciativas Culturais) no ano de 2011, e conseguimos fundamentar nosso projeto e dar encaminhamento as nossas propostas, alocamos nossa Casa de Cultura em uma Associação de Moradores que já havia abrigado projetos financiados pelo VAI (Graffiti e criação artística, Maracatú, Rap e Moda), mas o espaço há muito tempo não era usado e estava quase impossível de ser ocupado.

Fizemos mutirões para arrecadar livros de porta em porta, chamamos a galera para ajudar a limpar o espaço que estava cheio de entulho, pintamos, consertamos a rede elétrica,

¹ Hoje chama-se “Movimento Socialista Alternativo”, e é composto por novos e antigos integrantes.

revitalizamos todo aquele ponto que já era conhecido por abrigar propostas culturais das juventudes do bairro. Nesse processo, conhecemos integrantes dos projetos anteriores que voltaram a frequentar a Associação.

Esse momento foi de fundamental importância para todos nós, nossa sociabilidade com os moradores foi se construindo aos poucos, nossa programação variava entre saraus, encontros de leituras, pequenos shows dos músicos e artistas da região, programação infantil, e a semente de um cursinho popular. Enfim a proposta era fazer circular a cultura e a discussão política em nosso bairro, a partir de nossas demandas.

Nosso grupo de amizade e fazer cultural eram compostos por jovens negros e brancos, mas nunca tivemos a preocupação sobre as questões raciais que atingem ambos, poucos foram os momentos que questionamos nossa posição social a partir de nossa vivência racial. Tínhamos algumas idéias do quanto o racismo afeta a juventude negra da periferia, mas essa não era a preocupação central.

A partir da ação localizada na Zona Leste, a compreensão sobre a cultura foi se constituindo como um forte elemento de sociabilidade, do espaço do lazer, das produções coletivas regionais e locais, das diversas linguagens artísticas e também do ativismo possível através de iniciativas culturais.

Com essa memória do trabalho realizado, após ter ingressado na UNILAB iniciei o contato com a AFRIKA, as inquietações provocadas, por esta interlocução, focaram sobretudo a partir das vivências da juventude negra nas periferias do município de São Paulo.

A partir dos caminhos percorridos no campo cultural, foram apontadas pelas entrevistadas diversas questões sociais, as vinculações conceituais e o fortalecimento das identidades.

O projeto “As mulheres negras tem história e as jovens negras estão aqui para contar” e a literatura produzida sobre ele; evidenciam o potencial aflorados nas juventudes da periferia através da ancestralidade africana, da memória, celebração das mulheres negras, importantes na luta pela cidadania da população negra no Brasil, e nas formas como essas heranças se cruzam, permitindo as gerações posteriores construir narrativas que deslegitimem esse lugar comum ao quais os negros foram condenados pelo processo de escravização e colonização.

O diálogo com as duas interlocutoras relaciona-se com a construção dos capítulos deste trabalho, e, de certa forma também com minha trajetória de jovem negra oriunda da periferia do município de São Paulo.

Para fundamentar a pesquisa primeiramente fiz um levantamento dos registros do programa VAI (Valorização de Iniciativas Culturais), executado no município de São Paulo,

onde conheci a proposta da AFRIKA, que obteve este financiamento na primeira edição do projeto “As mulheres negras têm história e as jovens negras estão aqui para contar”

Após me deparar com a proposta ainda de longe, em Janeiro de 2016, conheci Roberta Melo, neste mês começamos o momento da sondagem de campo, para nos conhecermos e firmarmos o compromisso de realizar esta pesquisa; depois do período de levantamento de dados e construção do pré-projeto, voltei a campo em Junho do mesmo ano, e realizei diversos encontros com a entrevistada e posteriormente apliquei o questionário semi-aberto, com estes primeiros contatos, Roberta Melo me apresentou a Chindalena Barbosa e o mesmo processo foi realizado com esta entrevistada.

As referências teóricas giraram em torno do conceito de cultura, dos processos identitários da juventude negra, de autoras negras que abordam as questões que envolvem as mulheres negras na sociedade brasileira, das configurações sociais que formam o município de São Paulo e sobre a questão racial no Brasil.

Como resultado o primeiro capítulo intitulado, "A cultura e suas infinitas possibilidades", abre um diálogo em relação às considerações feitas pelas entrevistadas durante todo o nosso processo de encontros e entrevistas, suas narrativas são cruzadas com a minha visão em relação a dinâmica do Município de São Paulo e os percursos das produções culturais da juventude das periferias deste município.

No primeiro bloco são abordadas a forma como a cultura aparece para nós em constante relação com os embates e problemas sociais no Brasil e no Estado de São Paulo, influenciando também as relações raciais em território nacional; a partir disso é levado em conta a forma como são criados e revertidos processos de estigma por quais passam a população negra através da cultura hegemônica, e de uma visão euro centrada como parâmetro de superioridade.

Seguindo esta linha de raciocínio nos blocos seguintes as reflexões sobre a cultura são permeadas por uma tentativa de ambientar o leitor, a dinâmica social na região metropolitana do município de São Paulo, fazendo uma leitura a respeito do programa VAI (Valorização de Iniciativas Culturais), política pública que favorece a produção cultural da juventude nas periferias do município, e seus desdobramentos para esta regiões.

Finalizando este trajeto por meio do encontro que tive com a AFRIKA, apresento brevemente a Associação, que tem contribuído com a inserção e sociabilidade da juventude negra no bairro Jardim Fontáles, executando o projeto “As mulheres negras têm história e as jovens negras estão aqui para contar, através do financiamento do VAI e da *Brazil Fundacion*.

Bloco que faz a abertura para o segundo capítulo intitulado, "As mulheres Negras têm história e as jovens negras estão aqui para contar", onde é abordado com maior profundidade, a trajetória política de Roberta Melo e Chindalena Barbosa, mulheres importantes e fundamentais na formação do projeto, indicando os caminhos que transformaram suas vidas nessa imersão sobre a história das mulheres negras, iniciado no ano de 2009 dando continuidade as suas atividades até os dias atuais. Ambas entrevistadas possuem narrativas distintas, sendo suas trajetórias cruzadas ao decorrer desses anos em que realizam juntas este projeto, que marcou de forma significativa a vida de cada uma.

Portanto a presente pesquisa delinea também uma forma de vizibilizar e valorizar as ações realizadas pelo projeto em si, e a trajetória das duas entrevistas, quais desenvolvi uma profunda admiração e respeito por todo seu comprometimento e papel social em suas atuações na periferia da Zona Norte do Município de São Paulo.

2 CAPÍTULO I: A CULTURA E SUAS INFINITAS POSSIBILIDADES

2.1 CRIAÇÃO E REVERSÃO DE ESTEREÓTIPOS NO CAMPO DA PRODUÇÃO E VIVÊNCIA CULTURAL

Ao longo do tempo, o conceito e as diversas formas de entender a cultura são definidos de um modo geral pelo conjunto de processos que cada sociedade organiza (LEPOS, 2015), gerando relações de poder que se desenvolvem nestas sociedades, e a forma como cada vivência cultural em cada continente, país, território e região, vai lidar com estes processos locais e regionais.

Sendo possível desenvolver dentro deste campo diversas linguagens que permeiam a arte; o teatro; a música; a produção audiovisual; a literatura através dos saraus; a memória coletiva; a oralidade; as danças tradicionais, populares e urbanas, o grafite e a arte de rua, entre tantas outras possibilidades.

Mas esta visão ampla não esvazia os embates que surgem a partir das interações culturais que a priori, durante um longo período, produziram “hierarquias culturais” (CUCHE, 1999, p. 145) marcando de forma significativa cada expressão cultural dentro dessas diversas linguagens.

Estes apontamentos das hierarquias produzidas são indiretamente utilizados por José Luiz dos Santos (2003) para analisar *como* a cultura existe, *de que forma* ela se desdobra e sobrevive nas sociedades, deixando evidente a importância de analisar a história, o processo civilizacional e as desigualdades sociais para nos darmos conta do quanto a cultura também está entrelaçada em processos ideológicos.

Segundo esse autor não é possível pensar em cultura sem pensar nas relações interculturais por meio das quais cada sociedade no mundo passou particularmente, levando em conta os seus *modos de produção*² que são fundamentais para compreendermos porque existem essas hierarquias que determinam quais culturas são consideradas superiores, que possuem um denso desenvolvimento e porque existe um pré-determinismo entre uma cultura e outra.

Santos aponta ainda que há uma visão euro centrada de *escala evolutiva* que delimita as sociedades ocidentais, como parâmetros para análise de outras sociedades que não se desenvolvem no mesmo modelo do continente europeu; essa tentativa assimilacionista de

² O autor usa diversos conceitos marxistas ao longo da construção de sua obra, porém aponta que o marxismo também reproduz a visão de *escala evolutiva* ao reproduzir a Europa e suas formas organizacionais como método de análise para o resto do *globo terrestre*.

determinar quais culturas são superiores e quais são inferiores, contudo, não está e nunca esteve cristalizada.

Se pensarmos a cultura enquanto criação e significação dos processos coletivos, podemos contemplar outras dimensões que não apenas a dimensão de controle e dominação possíveis através da legitimação da Europa como o centro mais avançado de *todo o universo*.

A partir desta dimensão podemos também sinalizar como a cultura no Brasil foi e ainda é influenciada pelas dicotomias produzidas no período colonial e reproduzidas nos dias atuais.

Devemos entender que estas dicotomias produziram estereótipos que são transpassados, na construção cultural brasileira, terreno fundamentado nas lógicas de uma cultura de opressão, que dizimou parte da população não somente no campo simbólico, mas sem a menor dúvida no plano das relações sociais, por meio do *mito da democracia racial*, que ainda passa despercebido³.

No dia a dia ainda há sintomas e vestígios presentes no imaginário de que as diversas culturas produzidas por essas misturas de povos, sobrevivem através de suas expressões artísticas, suas vivências coletivas, através do espaço do lazer e da celebração de particularidades de grupos culturais; contudo é preciso termos uma visão crítica a respeito das desigualdades sociais que são confundidas propositalmente com as diferenças entre cada cultura produzida e recriada.

Nesse sentido é como se a cultura fosse pautada somente pela identificação dos costumes, das crenças, das formas de agir de cada grupo, sem levar em consideração que algumas expressões culturais possuem um campo de maior investimento de tempo, dinheiro, e valorização do que outras.

Pensando nessas diferenças culturais e na valorização de uns em detrimento de outros, a colonização produziu a imagem em relação ao continente africano sempre enfatizando os africanos como a escória da sociedade brasileira, escondendo na historiografia que circula pelo país a cultura, a história, e as diversidades das etnias trazidas através do conceito contemporâneo de Diáspora Africana⁴.

³ Os casos de exceções de ascensão social da população negra no Brasil são usados em algumas circunstâncias como tentativa para comprovar que a democracia funcionou e funciona para todos os brasileiros, mesmo esta teoria de Gilberto Freire tendo sido denunciada e desqualificada pela produção acadêmica, a exemplo de Florestan Fernandes (1972), que em suas obras aborda com maior profundidade como a teoria da democracia racial é apenas um mito criado para mascarar a forma como o racismo funciona no Brasil.

⁴ “Diáspora é um termo de origem grega que significa dispersão. Seu uso esteve primeiramente relacionado à experiência dos judeus que, sem pátria, se espalharam pelo mundo sem perder a identidade cultural. Depois se estendeu para o caso dos armênios e dos africanos. A Diáspora africana ocasionada pelo tráfico pode ser atualizada nas formas culturais transnacionais que geram sentimentos de unidade por uma identidade comum.” (SOUZA, 2005, p. 55).

Sendo assim a imagem dos negros em território brasileiro é perpetuada em um espaço onde tudo que está relacionado ao povo negro e as culturas negras é exibido de forma negativa nos espaços hegemônicos; aí está a contradição tanto na criação de conhecimentos quanto nas vivências coletivas e individuais, ao mesmo tempo em que temos um apagamento da história dos povos africanos trazidos neste território; temos uma vinculação compulsória do local histórico dessa população negra sempre reduzida ao pejorativo.

A idéia de que o negro é bandido, é preguiçoso, de que a mulher negra é a *gostosona* que serve para o sexo, mais não para constituir família, a mulher que sempre vai ser a empregada doméstica mais nunca a patroa, ainda é reproduzida por pessoas brancas; e negras que internalizam estas formas em que o racismo se expressa.

É verificada uma atuação de militância que aborda estes aspectos no resgate cultural dos negros e na luta contra essa estereotipia negativa, desde os anos 70 com o ressurgimento dos movimentos negros⁵ organizados politicamente.

Mesmo com esta atuação, existe ainda uma tremenda dificuldade de reconhecer o Brasil enquanto esse território diaspórico, e estes estereótipos negativos são vinculados a partir da idéia de que a escravização é o único espaço possível para a população negra, justamente por essas hierarquias criadas socialmente.

Essa dificuldade também gera uma lacuna nas identidades construídas das mulheres e homens negros, produzindo assim situações de conflito, vivência e enfrentamento ao racismo perpetuado pela visão negativa do continente africano⁶, que gera uma reprodução extremamente violenta na população negra brasileira.

Esses fatores certamente atingem de forma direta e indireta a trajetória das mulheres e homens negros que são ora revertidos, ora ressignificados, ora deslegitimados, ora denunciados; essa denúncia de uma imagem forjada ao longo do tempo faz parte de todos os processos de luta sociais, políticas, econômicas e culturais.

O continente africano, contudo, não é o único referencial de cultura para a população negra no Brasil, mas sem dúvida o conhecimento sobre sua história proporciona aos agentes uma autoestima e identidade cultural que supera a imagem negativa que a cultura hegemônica transmite sobre esta população no país.

Ao longo do tempo, diversos grupos vão se organizando para discutir e colocar em prática ações que minimamente revertam este estigma provocado pela perpetuação de

⁵ SANTOS (2009, p. 227-258), aborda sobre processo de organização política dos movimentos negros no Brasil, sobre o conceito de organização dos movimentos sociais, explorando a importância da reorganização política de diversos segmentos a partir da década de 70.

⁶ Para conhecer as proximidades entre Brasil e África ver: MUNANGA, Kabenguele (2009).

estereótipos, ao qual a população negra é submetida.

Essa persistência política das (os) negras (os) promove gradativamente uma subversão deste espaço desde a introdução de diversas etnias africanas nas Américas; até atualmente, com uma maioria de pessoas negras ocupando os lugares e posições periféricas das cidades dentro do contexto urbano e construindo alternativas⁷ para se realocar e se afirmar.

Alternativas essas criadas nas construções cotidianas de reconhecimento e comprometimento de pessoas que engajam suas vidas para demonstrar na prática que é possível circularmos uma imagem positiva transmitida de pessoa a pessoa, de grupo a grupo, de geração a geração. Repensar a história e a cultura no Brasil, permite que novas possibilidades a partir de processos culturais (que surgem de uma visão não hegemônica) construam algumas mudanças locais que interferem diretamente na vida desta população.

Essas mudanças, porém, não são postuladas sem pensar nas mudanças e reversões de processos dentro da cultura hegemônica que não são possíveis sem pensar, sobretudo nas mudanças políticas necessárias para o empoderamento da população negra; esse processo é longo, mas podemos considerar que está em andamento⁸.

Mesmo entendendo que esses apontamentos levantados fazem parte de toda estrutura histórica do país, a *produção material e simbólica da cultura* obteve uma ampliação promovida por políticas públicas de fomento a multiplicidades de expressões culturais como no caso do Estado de São Paulo.

Notamos que ainda há uma discrepância nos investimentos locais que não estejam concentrados na região central da metrópole urbana do Estado e mesmo com esses poucos investimentos públicos; nas regiões periféricas da cidade; chovem milhares de produções culturais que lidam diretamente com os conflitos sociais que os habitantes precisam enfrentar diariamente, para conseguir lidar com as problemáticas que afetam suas vidas.

Essas produções têm um duplo papel em suas localidades: como produção e circulação da cultura e de militância e ativismo para exigir direitos e promover cidadania, por meio do que cada grupo cultural carrega em sua memória coletiva e em sua oratória.

⁷ Milton Santos (2012), aponta o fato de que nas periferias urbanas, devido a situação de grande fragilidade social e pobreza generalizada, a população desse espaço cria alternativas de solidariedade que contribuem para sua sobrevivência coletiva.

⁸ Na verdade, estava em andamento dentro dos processos democráticos do Estado Brasileiro, se levarmos em conta a atual conjuntura política, fica difícil imaginarmos quais serão os caminhos que as políticas públicas de acesso que a população negra vem conquistando há anos seguirão a partir de agora, com a ascensão da estranha direta brasileira delimitando o poder público, está posto um risco muito maior, para o conjunto social que vem sendo excluído desde os processos da colonização no Brasil; os mesmos grupos que no passado tentaram controlar todo o território nacional, estão cada dia mais demonstrando que as estruturas do poder não mudarão tanto assim.

Através dessas produções a população periférica consegue respirar outra perspectiva que não a consideração de que na periferia não tem cultura, de que é preciso levar a cultura para a periferia, de que a cultura somente está ligada a arte, a dança, ao teatro, ao lazer, como se não houvesse nenhuma relação destas linguagens e de suas produções com a falta de espaços de lazer que não somente os voltados para o consumo, com a péssima acessibilidade, com a falta de diálogo das instituições de ensino com a população que habita essas periferias, com as relações raciais desenvolvidas no país, entre tantas outras *faltas* que o Estado brasileiro produz.

2.2 DOS ENCONTROS E DESENCONTROS POSSÍVEIS NAS IDENTIDADES CULTURAIS DA JUVENTUDE PERIFÉRICA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Podemos considerar que o Estado de São Paulo é o lugar da desordem e progresso, em contrapartida à o *status quo* de cidade avançadas, porém é um dos Estados mais discrepantes em termos de desigualdades sociais, sobretudo se analisarmos os processos de industrialização e as gestão pró-capitalista por qual passou seu território; marginalizando grande parte da população e criando cidades-dormitório, onde a carência de infraestrutura, de bens culturais, de saúde de qualidade de vida e de transporte público acessível e digno, ou seja condições estáveis, que deveriam ser oferecidas a população, mas não são.

Esse suposto lugar comum rende aos moradores um status de riqueza material e cultural, já que o Estado é considerado o centro financeiro do país; é como se todos os paulistanos e paulistas⁹ possuíssem esse mesmo acervo simbólico. Mas, riqueza para quem, de quem e para que serventia? Perguntas centrais para deslegitimar esse lugar comum de cidade das luzes latino-americana.

Sua história, marcada por longos processos de migrações que hoje formam o grande volume populacional do Estado, esconde por meio da história oficial as maneiras que a população negra foi excluída do acesso aos bens materiais, e permaneceram excluídos, sobretudo quanto o acesso ao emprego, à moradia, etc. Portanto esse *status quo* de desenvolvimento está majoritariamente reservado a uma parcela da população.

Esse descaso surge com o pressuposto de superioridade do povo branco para salvar o Brasil do terror de ser parte cultural, social e hereditária dos povos nativos e africanos, que contamina o desenvolvimento do Estado até os dias de hoje; a ideia central da elite é eliminar esses povos não somente pela exclusão econômica, mas também matando lentamente qualquer

⁹ Paulistanos, são as pessoas que nasceram na capital; paulistas são as pessoas oriundas do interior do Estado de São Paulo.

vestígio de negro e de índio que ainda persista.

Esses marcos que formam São Paulo, de pessoas vindas de várias outras regiões do país, principalmente do Nordeste (SCHUMAM, 2012); pessoas que chegaram com o sonho de encontrar um bom emprego, uma boa moradia e condições básicas para sobreviver na metrópole.

Transforma São Paulo em um grande vulcão cultural prestes a explodir, que mistura diversas referências; a cidade é também bastante conhecida por essa multiplicidade de corpos que se deslocam geográfica e culturalmente, criando uma das metrópoles mais populosas do país.

Nos últimos dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)¹⁰, no senso de 2016, se estima um índice populacional de mais de 44 milhões de pessoas espalhadas pelos 645 municípios; segundo o mapa de pobreza e desigualdades de 2003, o município de São Paulo tem índice de 28,9% de pobreza, dado alarmante se pensarmos no município enquanto região metropolitana onde os investimentos econômicos são altíssimos, o que nos dá margem a deduzir como a dinâmica da cidade se organiza, com uma população de 11 milhões de pessoas em área urbana.

Esse elevado número de pessoas pode nos fazer imaginar porque a região metropolitana abriga um alto nível de desigualdade social. Porém não é este o motivo de tanta *segregação* social. Milton Santos (2013) alerta sobre essa falsa impressão de que o alto índice populacional é o culpado pela pobreza nos centros urbanos, na verdade a pobreza deve ser vista a partir de uma perspectiva *global* e não apenas *local*, segundo o autor.

O sistema metroviário, por exemplo, pode servir de termômetro imagético para a análise dessas desigualdades da metrópole, de uma cor a outra dos vagões nota-se a diferença de estrutura e acessibilidades se comparadas, por exemplo, a Linha 4-Amarela, que cruza a região central passando pelos bairros da Paulista, Faria Lima e do Butantã, regiões nobres da cidade com a Linha 3-Vermelha, que cruza bairros entre a região central e a região leste chegando até Arthur Alvim e Itaquera; em um simples trajeto pelo principal meio de transporte percebermos as diferenças gritantes nas cores de peles, andares, jeitos, rostos, velocidades e olhares.

Nesta perspectiva é possível notar o grande abismo entre a população branca das classes altas que possuem amplo acesso aos benefícios que uma metrópole como esta pode oferecer, e a população negra, que através da criação de alternativas desenvolve meios de sociabilidade e

¹⁰ IBGE (2016)

desenvolvimento coletivo e individual.

Mas, de que forma podemos considerar que estas discrepâncias podem afetar profundamente a cultura e a produção cultural da Metrópole?

Segundo Valmir Souza (2012) é apenas na Gestão de Luiza Erundina no município de São Paulo que o conceito de cultura vai ser alterado, durante a atuação de Marilena Chauí na Secretaria Municipal de Cultura; em meados dos anos 90, a noção de *políticas culturais*¹¹ é criada e ampliada, não mais através do conceito de políticas *difusionistas*, que eram aplicadas anteriormente a esta gestão, na qual o Estado *levava* cultura para as periferias, levava cultura burguesa, erudita e elitista.

Não havia um diálogo com a população local sobre suas produções, sobre seus anseios, sobre qual a importância do investimento à cultura nessas regiões, segundo Souza, a partir da gestão de Chauí; ao contrário, foi possível ampliar essas políticas culturais.

Mesmo com esse deslocamento de importâncias, ainda são escassos projetos e ações que cheguem a uma maior quantidade possível de pessoas.

Hoje em dia a Secretaria de Cultura do Estado executa uma série de projetos, que proporcionam maior circulação para os agentes que trabalham na produção cultural¹², mas os investimentos para as regiões além do centro ainda são poucos; projetos culturais são possíveis nas periferias ainda através de editais públicos ou privados que possuem uma maior interação com a região a partir de suas demandas locais.

Sendo assim o fomento à produção cultural, não se dá por meio de amplas estruturas que contribuiriam, com a produção das diversas linguagens nas periferias ao contrário é a população que faz *seu corre*¹³, e por meio destes editais consegue financiamento para gerir projetos que fomentem grupos, coletivos, movimentos, que encontram na cultura uma forma de ligação com suas comunidades.

Um dos maiores editais que se destaca é o Programa VAI, que não impõem o que deve ser produzido em troca de investimentos, ao contrário abre a possibilidade para grupos de jovens executarem projetos em seus bairros e comunidades, inclusive esse é um dos principais critérios para a inscrição no programa.

Segundo relatos dos participantes do programa VAI (SÃO PAULO, 2012), a cultura produzida na periferia ainda não é valorizada como são valorizadas as produções culturais

¹¹ Para saber sobre as políticas culturais em âmbito nacional, e a cultura como um direito do cidadão, ver: LEPOS (2015).

¹² Abrangendo a noção de produção cultural, para além da profissão em si, significando agentes e grupos que trabalham de forma autônoma ou não, nas diversas linguagens possíveis através da cultura.

¹³ Gíria, usada para indicar que a pessoa está em constante movimento, que não espera as coisas acontecerem por si, mas que busca a conquista de seus objetivos.

realizadas por agentes das classes médias e burguesas; ainda há um estigma de que estas produções não têm a qualidade necessária para o *circuito cultural paulistano*. Vistas de maneira isolada ou a partir do pressuposto de que toda cultura periférica é criada com fins de ativismo apenas.

Alguns dos entrevistados que foram proponentes nos editais lançados desde 2004, apontam que as diversas linguagens produzidas na periferia não são vistas como arte, o caráter de ativismo neste caso demonstra que a arte para além de uma linguagem possível dentro do campo da cultura também produz dicotomias de valores se vista sob esta perspectiva de desligamento das relações e embates sociais que estão em constante diálogo.

Apesar da extrema importância que este programa tem para a região a mesma pesquisa aponta que o alcance da proposta ainda é muito pequeno considerando as diversidades das diversas periferias mais afastadas do centro da cidade.

Contudo os grupos e coletivos fazem circular suas propostas, suas identidades e suas visões de mundo, projetos que envolvem a produção de cultura para a juventude por exemplo são de suma importância para sua sociabilidade, muitos jovens produzem cultura de forma autônoma e voluntária. Mas para que essas propostas tenham uma ampla mobilização é essencial o fomento material e financeiro, sem investimento as dificuldades do fazer cultural são muito maiores e impedem que projetos prossigam em suas ações.

A burguesia representada pelo Estado tenta constantemente assassinar e deslegitimar a população das periferias, através da superioridade de uns e da imagem negativa de outros, a cultura mesmo que permeada por estas relações de poder e hierarquia não está inata a apenas um grupo social, ela se transforma se dissolve e proporciona mecanismos de interação entre os agentes de cada localidade.

Existindo ainda uma visão de esvaziamento do conceito de cultura, marcada pela fragmentação de suas linguagens, noção que precisa ser requalificada fazendo entender, que a arte, o lazer, a educação, a cidadania, a militância e o ativismo são processos que podem convergir dentro do campo da cultura, não a relativizando, pois, as diferenças são fundamentais para sua sobrevivência, mas sim enfatizando que diferença não é sinônimo de desigualdade.

Pensando que é possível pautar um mundo melhor, a partir da estimulação diária, do convívio coletivo, das possibilidades que o fazer cultural pode proporcionar revertendo pontualmente processos que ainda não são possíveis reverter estruturalmente.

A produção de cultura na periferia do município de São Paulo nunca esteve desligada desse processo de reversão diária, pois a cultura na periferia também não está desligada das

dificuldades que os moradores enfrentam nestas regiões¹⁴.

2.3 ENCONTRO COM AFRIKA

No subtítulo anterior o Programa VAI, foi apontado como uma das alternativas que contribuem com a produção cultural na periferia do município de São Paulo.

Durante a participação no programa são realizados encontros para que os projetos apresentem ao final do ano suas produções, a equipe do edital convida todos os projetos contemplados a participarem deste evento.

Em um destes encontros estive presente e conferi diversas apresentações de grupos de dança, teatro, performances, apresentações de rap, enfim várias formas de expressão, mas em nenhum momento me lembro de sequer fazer a ligação de que aquelas apresentações dialogavam com a cultura negra, com a vivência negra, que nas suas formas denunciavam o racismo cotidiano e estrutural, de me questionar porque este debate estava tão distante a mim.

Recordei também, que nesta época, não enxergava o racismo assim escancarado como é, não pensava, por exemplo, porque, os jovens negros morriam no nosso bairro e nos bairros próximos através da truculência da polícia militar, não correlacionava esse fato a uma lógica de extermínio.

Não pensava, quem eram as(os) intelectuais, as(os) artistas, as(os) músicos, as (os) cineastas negras (os), que poderiam ser referenciais em minha vida; não discutia sobre o processo identitário qual passa o juventude negra e as dores de enfrentamento ao racismo cotidiano e institucional; para não dizer nunca, esses debates surgiram timidamente, quando naquele momento decido raspar os cabelos, causando um choque negativo e positivo ao mesmo tempo.

Nesta época não percebia a importância que esses debates possuíam para minha construção identitária; reconhecia-me ainda enquanto parda, ou morena, mesmo sendo apontada enquanto negra; mesmo vivenciando o racismo durante a infância, nos diversos colégios do SESI na região do Grande ABC, onde a classe média é majoritariamente branca; dentro de casa nunca foi uma questão aprofundada a não ser no dia em que minha mãe precisou ir até a escola, pois ao ser chamado de “cabelo duro” (o que é considerado comum na trajetória

¹⁴ SOUZA (2011), faz um retrato sobre como o conceito de periferia foi ressignificado desde os anos 80, gerando uma noção de identidade periférica, para além do conceito entendido geograficamente, o autor apresenta pontos importantes para compreendermos como a produção de cultura na periferia está diretamente ligada aos processos sociais que marginalizam sua população, uma colocação interessante que Souza faz é de que " Nem todos que moram na periferia são pobres. Mas, na cultura de periferia, tratar da pobreza e das precárias condições de vida é uma forma de relacionar arte-vida"

de meninas negras) belisquei a menina que tinha o cabelo “bom” segundo ela e *os amiguinhos*.

Nesse caso a professora chamou apenas a minha atenção e a agressão que eu sofri passou batido pela coordenação do colégio, aliás, esses tipos de agressão, não é considerada violência, no senso comum isso não se trata de racismo, não é questionado o papel desse parâmetro.

Dentro desta perspectiva de repensar e reconstruir de que forma o racismo me afetou silenciosamente ao longo de toda a minha trajetória o encontro com a Associação Frida Kahlo (AFRIKA) acontece após minha entrada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), e no pensar em qual temática eu gostaria de produzir para esta pesquisa, que não estivesse desligada dos percursos por quais eu também percorri.

A partir de então, fazendo a memória dos processos por qual passamos durante o programa VAI comecei as investigações nos Editais, fazendo um mapeamento de todos os projetos desde 2006 a 2014, que contemplavam as questões étnico raciais e de gênero como base para os seus trabalhos no fazer cultura, dentro das regiões periféricas do município de São Paulo; o principal intuito deste levantamento era procurar projetos que fossem protagonizados por mulheres que inscreviam-se neste edital como proponentes, contribuindo através de suas ações com o processo identitário da juventude negra em suas variadas formas e possibilidades.

A objetividade de encontrar proponentes mulheres, primeiro era para ter acesso a mulheres negras que fossem agentes no fazer cultura, pensando nos projetos que dialogam com as questões de gênero e raciais em simultaneidade, a partir do seu local de fala e tentar entender de que forma essas mulheres se construíram política e culturalmente nos caminhos percorridos para a criação e execução destes projetos.

Mais adiante já em campo, nas conversas com as entrevistadas da AFRIKA, uma das dificuldades postas por elas era o fato de mulheres atuarem em uma área que é mais dominada pelos homens que também é um fator relevante na produção cultural, demonstrando que o sexismo e o machismo atingem todos os campos, mesmo aqueles que parecem não atingir

No ano de 2009, primeiro ano que elas se inscreveram no edital do VAI para iniciar o trabalho com o projeto “As mulheres negras têm história e as jovens negras estão aqui para contar”, dos aproximadamente 80 projetos inscritos aproximadamente 26, foram aprovados com proponentes mulheres, esse diagnóstico também aparece nos estudos sobre o programa¹⁵, onde 39% dos proponentes aprovados em todas as edições eram compostas por mulheres, menos da metade se analisar de forma quantitativa

Essa relação de poder e hierarquia que surge a partir de posições centrais de liderança,

¹⁵ *Idem.*

de pró-atividade e de gestão, são pensadas a partir de lógicas machistas onde são os homens que devem por “natureza” assumir o controle; são ensinados e educados na verdade a assumir o controle; restando as mulheres¹⁶ muitas vezes cargos secundários nos espaços públicos.

Após uma análise dos objetivos de cada um dos projetos e das possibilidades amplas qual fui confrontada, cada um deles mostrou um seguimento que dialogavam com linguagens completamente diferentes, tiveram projetos de áudio visual, de dança, de música, de estética negra através da sabedoria do trançar os cabelos, de formação e qualificação profissional, de (re)conhecimento sobre a cultura e história africana, de capoeira, de batuques e percussão, de literatura e de fotografia o que nos faz perceber que existem diversas possibilidades para trabalhar com as questões raciais e com a cultura afro-brasileira.

Sendo essas linguagens de suma importância para a periferia uma vez que a juventude negra não é pautada na sua objetividade e subjetividade que está para além da categorização de juventude como um *fenômeno universal*.

Ao tomar a experiência de uma juventude específica que acaba sendo generalizada para todos os jovens, invisibilizaram-se outras dinâmicas de subordinação e opressão que marcam as juventudes das classes populares e negras. Para Novaes, 'configuram-se aí duas juventudes: aquela a quem se prepara para a vida adulta por meio da educação e outra que, como parte da classe trabalhadora, sequer era vista como jovem' (2009, p.15). A invisibilidade dos jovens negros no debate sobre juventude nos remete a um outro aspecto relevante, que é a forma como o mito da democracia racial, constitutivo da própria noção de brasilidade, produz uma *cegueira* que se torna um obstáculo com finalidades ideológicas muito claras: invisibilizar, diluir e neutralizar a experiência do racismo e da desigualdade racial no país, impossibilitando que tal questão seja compreendida como problema" (BORGES, Larissa Amorim; MAYARA, Claudia, 2012, p.198)¹⁷

Nas regiões que massivamente encontram-se essa *juventude específica*, o Estado oferece quase nenhuma estrutura que amplie sua compreensão enquanto juventude negra, mesmo após a implantação da Lei 10.639 no ano de 2003, que também contribui para a denúncia do *mito da democracia racial*; lei que oferece a estudantes uma gama de materiais para ser trabalhado em sala de aula como método de aproximar de forma analítica e crítica a juventude e as crianças negras a suas realidades.

O que raramente acontece, pois mesmo após esse longo período de sua criação, a

¹⁶ A respeito da discrepância no mercado de trabalho, onde as mulheres negras ocupam as posições mais baixas ver: (REICHMANN, 1995)

¹⁷ Neste artigo intitulado Juventudes Negras - Memórias de Lutas e conquistas políticas, as autoras exploram "o desenvolvimento das Políticas de Igualdade Racial (PRI) e as Políticas Públicas para a Juventude (PPJ) durante o governo Lula (2003-2010)", ampliando o contexto que envolve a juventude negra, destacando a invisibilidade, a violência, o extermínio e a discriminação como foco central para que os movimentos sociais pressionassem o Estado para a criação de políticas que auxiliassem no fim destes eixos que excluem e minimizam a juventude negra e periférica (RIBEIRO, Matilde org., 2012).

aplicabilidade da lei caminha devagar, ainda é pauta sua funcionalidades; podemos considerar que um dos motivos de ainda haver uma imensa lacuna na aplicação da Lei é a falta de preparo dos profissionais da educação que muitas vezes não tiveram em sua formação acadêmica meios para conhecer e aprofundar-se nas questões raciais e afro-brasileiras, problema central para compreender por que a lei ainda não é amplamente aplicada como deveria ser nas escolas públicas de ensino básico e fundamental.

A maioria dos espaços de educação formal trata estas questões a partir do folclore, nos projetos desenvolvidos durante o mês de novembro e no geral não existe uma transversalidade nos currículos escolares sobre as diretrizes desta lei.

O trabalho da AFRIKA aparece, portanto como um raio de sol¹⁸ para a periferia da Zona Norte do município, realizando ações que as escolas da região não realizam, que a movimentação cultural financiada não faz, que os aparatos de produção de cultura deixam a desejar; pois destaca-se no seu fazer, a afinidade de visões de mundo entre seus integrantes, as metodologias aplicadas, a proximidade com a juventude com qual trabalham, o compromisso e responsabilidade de atuar com jovens negros que estão em um processo de fragilidades sociais, contribuem também com a comunidade e o bairro em que seus projetos se localizam.

A forma como vem desenvolvendo seu trabalho ao longo de quase dez anos de existência, promovem e pensam junto com a juventude projetos que estimulam e proporcionam uma participação, sobretudo das juventudes negras em programas que simultaneamente dialogam com a produção artística, com metodologias de ensino e aprendizagem, fundamentadas em suas ações a partir do acúmulo de vida de seus integrantes que são parte orgânica nessas periferias.

O processo político por qual passaram, influenciam profundamente os objetivos que executam através do projeto, suas narrativas demonstram o quanto esses estigmas criados por uma cultura hegemônica instalada no Brasil através das elites intelectuais e econômicas, interferem na formação social dos jovens durante a infância e sua juventude, que precisam em muitos casos reformularem suas identidades que são construídas nesse período da vida; marcados profundamente por essa lógica de extermínio social e cultural que se desenvolvem através do racismo no Brasil.

Essas marcas, durante o curso de formação que o projeto oferece, são aos poucos revertidas e transformadas em um processo de união e coletividade, através da compreensão da

¹⁸ Segundo a Revista Raça, o significado do nome de Chindalena Barbosa, é *por do sol* (origem angolana), entrevista intitulada: *MEU NOME MINHA IDENTIDADE*, que a mesma concedeu, sobre como era para ela em sua infância as relações com os colegas e professores, que não compreendiam seu nome de origem africana, o que gerou uma série de apelidos e estranhamentos. (CENPAH, 2009)

importância da auto estima positiva para a juventude negra, trabalhando com referências de mulheres negras (extremamente importantes para a sociedade brasileira); de oficinas que possibilitam um novo horizonte tanto pessoal quanto profissional, entre tantos outros caminhos que o projeto oferece desde sua criação, que será abordado com maior profundidade no próximo capítulo.

A compreensão e atuação da juventude negra, perpassa por esses caminhos entre tantos outros possíveis, se começarmos a encarar o racismo, as estruturas racistas que envolvem a sociedade brasileira e o imaginário coletivo.

Desde o processo de desconhecimento até as manifestações simbólicas e materiais quais essa juventude em algum momento de suas vidas vai se deparar.

Lia Vainer Schumam (2012) nos apresenta um panorama importante para compreendermos a dinâmica da região metropolitana de São Paulo e de que forma essa dinâmica afeta suas juventudes, oferecendo uma imagem para sua tese, onde a inexistência da população negra residente na Região central e nos bairros nobres é fundamental para percebermos porque a população negra é extremamente prejudicada pelo Estado, refletindo de que formas essas relações econômicas e sociais dialogam diretamente com a produção de estigmas raciais em relação às periferias do município e suas produções culturais.

Levando em conta a importância que as políticas públicas devem ter para a produção de cultura dos jovens das regiões periféricas, um saldo positivo da gestão do ex prefeito Fernando Haddad foi à consolidação da Lei Municipal nº 16.496/2016¹⁹, 1º Edital de Fomento a Cultura da Periferia do município de São Paulo, feita pela periferia, destinada a periferia; conquista pensada pela população que acabou convergindo para a criação desta lei, entregue ao poder público pelos diversos grupos e coletivos que pensaram juntos, o quanto financiamentos como este são importantes para a juventude da periferia.

Assim como o VAI, irá ter um teto de financiamento, apoio e incentivo a projetos que já funcionam em suas regiões e os que virão a existir. Como muitas outras reivindicações que só viram projeto de lei a partir da pressão, organização e mobilização política dos movimentos sociais, e não por boa vontade ou boa gestão da Prefeitura Municipal do Estado de São Paulo.

Essas transversalidades possíveis através das juventudes e de sua atuação nas regiões em que se reúne, planeja, e faz uma releitura de si mesmo, encontram em movimentos sociais e culturais específicos e mais amplos, formas de garantir que sua cidadania seja exercida mesmo que minimamente, tendo consciência de que as estruturas para transformar a sociedade são

¹⁹ SPCULTURA (2016)

gigantescas.

Há um abismo entre a utopia e a realização, há um abismo entre a grande maioria da população e a pequena elite que no Brasil reside, há um abismo entre brancos e negros nesse território, há também um abismo entre os gêneros, no que diz respeito à garantia de direitos e cidadania ampla.

Há um abismo mais profundo quando esses marcadores sociais se cruzam nas trajetórias de vida da população negra que não possuem os mesmos privilégios que a elite hegemônica branca possui.

3 CAPÍTULO II - AS MULHERES NEGRAS TÊM HISTÓRIA E AS JOVENS NEGRAS ESTÃO AQUI PARA CONTAR

Trabalhar com a questão racial em um país extremamente racista é demasiadamente complicado, o grande desafio nesse contexto é desconstruir a visão que o branco (hegemonia) construiu sobre o Negro, referindo-se ao mesmo sempre como algo ruim. Neste processo não buscamos dar as respostas pelo contrário, estimulamos cada um, por meio de textos, a buscarem elementos que contribuíssem na construção de suas próprias respostas.

Roberta Guilherme Melo²⁰

Somos todas Rainhas, essa é a primeira mensagem que desejamos passar para todas as mulheres negras, especialmente, as jovens negras, especialmente, as jovens que tem pouco acesso a informação sobre a contribuição histórica das mulheres negras na sociedade brasileira.

Chindalena Ferreira Barbosa²¹

3.1 AFETIVIDADE, COMPROMETIMENTO E MULTIPLICAÇÃO: CONSTRUÇÃO POLÍTICA DE CHINDALENA BARBOSA E ROBERTA MELO

Ao passear pelas trajetórias das entrevistadas para a construção do trabalho que vem sendo realizado há sete anos, podemos perceber que se trata de duas narrativas bem distintas, na construção política e identitária pela qual cada uma delas passou.

Mesmo tratando-se de abordagens diferentes, as visões de mundo são cruzadas em suas trajetórias conjuntas; o fortalecimento pessoal e coletivo que o projeto proporcionou a suas vidas, dá sentido a este trabalho tão afetuoso construído por essas jovens negras.

Nos momentos iniciais da pesquisa, a primeira entrevistada foi Roberta Melo, atual coordenadora de projetos da AFRIKA, que aceitou gentilmente.

Depois do primeiro contato e das primeiras conversas, contou um pouco sobre sua história e sobre seu envolvimento com o projeto, a forma como o projeto foi um “divisor de águas” em sua vida e sobre esse processo de fortalecimento por qual passou durante toda sua atuação na AFRIKA que, além disso, lhe abriu diversas oportunidades²².

²⁰ OBSERVATÓRIO DE JUVENTUDES NEGRAS (2012, p. 137).

²¹ BIBLIOTECA LIVRE'ANDANTE (2016).

²² Roberta Melo compartilhou em sua entrevista que uma grande oportunidade possível através da Articulação de Juventudes Negras e da AFRIKA aconteceu no momento em que foi selecionada para fazer um intercâmbio (incluindo todas as despesas) de um mês nos Estados Unidos, na cidade de Wichita no Kansas e também em Washington DC, para participar de um congresso sobre organização política, para conhecer a cultura e a política do país; dessa experiência relata que Samouri (irmão de Chindalena Barbosa) havia comentado com ela, sobre como o racismo nos E.U.A é mais fácil de ser enfrentado, pois ele é mais visível do que no Brasil, notou que no

Figura 1 - Roberta Guilherme Melo



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Nasceu em Palmares-PE, mas veio para São Paulo com sua família; desde pequena havia no ambiente escolar um grande preconceito devido à região de sua origem, e os colegas de turma sempre a apontavam como a “Roberta do Norte”.

Há um habito entre a população paulistana em generalizar a região do Norte e Nordeste, com farpas destinadas à população desta região que escondem todo um processo internalizado de depreciar suas características: o sotaque, a forma comportamental, as diferenças, muitas vezes postas no espaço de inferioridade; mesmo que o índice populacional de pessoas nordestinas seja alto devido aos processos de migração, e as gerações posteriores nascidas no Estado de São Paulo ter essa herança, ainda há um estigma em ser nordestino na metrópole.

Além dessa memória da infância o racismo também marcou Roberta Melo; desde pequena passava a maior parte do tempo em casa, não era muito de sair, e encontrava nos livros sua grande companhia, pois a escola foi o local que maltratou e marcou boa parte de sua infância; quase nunca ia a *festinhas* dos colegas, tinha medo de passar pelas mesmas situações que passava no ambiente escolar.

Certa vez sua mãe pediu que ela levasse a irmã mais nova para um desses encontros e

Brasil o racismo é quase imperceptível pois ao contrário dos Estados Unidos em que segundo a entrevista se tem um bairro hispânico, um bairro de negros, um bairro de brancos; em suas palavras, no Brasil “todo mundo anda no mesmo ônibus”, portanto é mais difícil identificar como o racismo atua. Revela também que oportunidades como esta são muito mais possíveis a pessoas brancas que possuem diversas formas para fazer uma viagem para fora do Brasil, enquanto que a população negra no geral quase nunca encontra mecanismos de conseguir fazer viagens como esta.

ela preferiu ficar mais uma vez em casa para que sua irmã não sofresse o mesmo processo que ela com os colegas de turma.

Desde pequena nunca teve muitos relacionamentos; ela apontou que, pelo fato de ser “gordinha” e negra, nunca foi “escolhida” pelos colegas; esse era também uma das motivações de passar tanto tempo em casa, entendendo que esses não são os únicos motivos, mas que certamente isso teve um *impacto* na infância e juventude.

Atualmente cursa Gestão de Políticas Públicas na Universidade de São Paulo (USP) e trabalha como Gerente de Serviços na Associação Mutirão do Pobre, nossas entrevistas foram *por lá*, onde atualmente acontece o projeto.

Certo dia passamos algumas horas conversando sobre diversos assuntos, me contou sobre um curso que havia participado recentemente sobre o preterimento²³ por que passam parte das mulheres negras, e nesse curso percebeu que o fato de não ter se relacionado afetivamente tinha a ver com todo o enredo de construção social no qual as mulheres negras são representadas muitas vezes pela subalternidade.

Trocamos algumas experiências sobre nossas relações; discutimos sobre essa dificuldade em manter um relacionamento que algumas mulheres negras percorrem dentro desta lógica.

Talvez devido a esse processo que passou em sua infância, na juventude sempre atuou nos movimentos sociais de seu bairro e passou a contribuir com a região, trabalhando por um tempo na Biblioteca Comunitária como instrutora de informática voluntária.

Em 2009, ano que conhece a AFRIKA, entra para o projeto “As mulheres negras tem história e as jovens negras estão aqui para contar” e aproxima tanto a Biblioteca onde já era uma liderança²⁴, quanto a Associação Mutirão do Pobre, que ainda não lidava com as mesmas questões que a AFRIKA vinha trabalhando; essa ligação com a comunidade foi fundamental e hoje é referência na região do Jaçanã Tremembé, pois segundo a entrevistada não há nenhuma outra associação que traga essas bandeiras como princípio para suas ações.

²³ A tese de Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), que virou o livro *Mulher Negra: Afetividade e Solidão*; pesquisa, realizada em Salvador-BA, demonstra a importância dos espaços de sociabilidade e o compartilhamento de seu ponto de vista. Nesta pesquisa a autora entrevista cinco mulheres pertencentes a movimentos sociais e cinco mulheres que não faziam parte de nenhum tipo de organização social, no caso das ativistas e/ou lideranças o contato com os movimentos organizados foram fundamentais em suas trajetórias, um divisor de águas segundo algumas entrevistadas no (re)conhecimento de seu lugar comum na sociedade e na possibilidade de quebrar as barreiras impostas a essas mulheres, no caso das mulheres que não faziam parte de nenhum tipo de organização, foram tecendo redes, com suas mães vizinhas, madrinhas, cunhadas, irmãs; algumas delas criavam sozinhas seus filhos, outras não tinham filhos, mas todas elas não possuíam companheiros ou companheiras, o que provocava uma profunda marca em suas vidas.

²⁴ Esse apontamento foi feito por Chindalena Barbosa que, ao lembrar quando iniciaram no projeto, identificou Roberta Melo como uma liderança feminina.

Até esse momento não tinha nenhum tipo de contato com o movimento negro, conhecia as lutas muito de longe, e ao começar a participar do projeto percebe o quanto as pautas do movimento faziam parte de sua trajetória.

Notou que assim como ela muitas famílias e muitos jovens não conversavam sobre o racismo, sobre o machismo, sobre a falta de autoestima que muitas meninas negras possuem devido à imagem negativa que é circulada nas mídias, além da falta de contato com a história da população negra do Brasil nos espaços educacionais. Já que a história oficial na educação formal retrata a população negra apenas a partir da escravização dos povos negros trazidos do continente africano. Poucas são as referências positivas que a juventude tem para refletir em sua autoimagem.

A oficina de estética afro, por exemplo, marcou profundamente sua trajetória no projeto; ainda em suas primeiras participações mantinha os cabelos alisados, pois este era o seu referencial na época; certa vez as colegas do curso tiveram de ir até sua casa para buscar a chave da Biblioteca onde aconteciam as atividades e ao chegarem e verem Roberta passando produtos de alisamento, não precisaram falar nada para a colega, mas ela percebeu em suas feições e linguagem corporal que havia alguma coisa errada e logo se deu conta de que o processo de alisar os cabelos também fazia parte de uma lógica racista de negação de sua própria imagem; percebeu também de que não há nada de errado em alisar os cabelos crespos, mas que isso ocorre pois o ideal de beleza no Brasil ainda é o da *brancura*.

Essa construção ideológica acerca do cabelo, da cor da pele, das feições, marcam a maioria da população de forma significativa; esses processos de elaboração de uma boa autoestima, de demonstrar para jovens negras que não há nada de errado em ser como são, em trazer novos referenciais que os outros espaços na sociedade não trazem, contribuem não só com o processo estético, mas também com uma autoconfiança, com o gostar de si mesmo e se projetar para o mundo.

Essa discussão é hoje em dia amplamente abordada, variando e dividindo as opiniões, há quem ache que o cabelo crespo é sim um marco da identidade negra; há quem ache que não necessariamente o cabelo natural define a construção identitária de mulheres e homens negros.

Questão ao mesmo tempo que assume uma postura política e subjetiva de aceitação e reconhecimento, cheia de nuances. O fato de pessoas negras usarem os cabelos alisados não define seu grau de consciência negra, contudo esse processo perpassa o que a sociedade determina como ideal para que pessoas sejam aceitas nos espaços que desejam ser inseridas, não necessariamente determinam quem é “mais negra” e quem é “menos negra”.

A trajetória de Roberta dentro do projeto “As mulheres negras têm história e as jovens

negras estão aqui para contar” tem muito a ver com esse novo conhecimento de si mesmo a partir de referenciais positivos; em suas palavras, “conhecer a história, a cultura, a luta de mulheres que foram lideranças em vários processos”²⁵ lhe abriu um novo caminho:

[...] eu to na Frida até hoje por que, tem essa questão de nesse espaço eu me encontrar de forma assim que realmente me deixa feliz sabe, que é uma coisa que eu não preciso fingir ser quem eu não sou, eu sou quem eu sou, e isso não é ruim como a sociedade fala, não é ruim ter o cabelo crespo, não é ruim eu ser negra, não é ruim eu ter a minha estrutura corporal, ser gordinha, eu sou uma beleza diferente e isso pra mim é muito importante para o processo também de trazer segurança, segurança porque quando você sabe quem você é e de onde você vem, quando você traz isso pra sua vida e vive isso na sua vida você não tem insegurança de ir atrás de um emprego²⁶.

Mas como podemos considerar que essa nova estima que a juventude adquire através de referências positivas sobre sua imagem, influencia na procura de emprego. Sabemos hoje que existem diferenças significativas entre negros e brancos no mercado de trabalho.

Qual será então a relação deste jovem fora do grupo que o valoriza como ele é? Como será a interação desse jovem em uma sociedade que determina como critério de avaliação para empregabilidade, ter uma boa aparência, e do que se trata essa boa aparência? Tanto para homens quanto para mulheres negras; significa que ambos devem encaixar-se no que a sociedade enxerga a partir da *branquitude*, ou seja, sobretudo cabelos lisos e curtos dentro do mercado de trabalho e das relações competitivas que dele geram.

Para obter essas respostas a entrevistada aponta que cada um construirá suas próprias ferramentas de combater o racismo e superá-lo em sua vida a partir de sua realidade, a partir de suas necessidades; e esse, portanto é o papel que o projeto tem na região em que é executado.

As atividades que elas realizam partem de discussões de texto, de produção de oficinas, de aulas de formação²⁷ que levem em conta a individualidade e o tempo de cada um, pensando que esses novos conhecimentos, que dialogam com a realidade da periferia da Zona Norte do Município de São Paulo, podem funcionar em uma perspectiva de *multiplicação*, nas palavras de Roberta Melo, no “trabalho de formiguinha”

Ela, que foi educanda, posteriormente educadora e hoje coordenadora de projetos, assumiu para si a responsabilidade de ser multiplicadora desse debate tão importante para que a juventude negra consiga no dia-a-dia enfrentar o racismo que encontrará em seu caminho, seja ele institucional seja nas diversas formas que o racismo se apresenta em nosso país.

²⁵ Entrevista realizada em 06 de junho de 2016, na Associação Mutirão do Pobre.

²⁶ *Idem*.

²⁷ Para saber mais sobre as atividades desenvolvidas durante o projeto ver: OBSERVATÓRIO DE JUVENTUDES NEGRAS (2012, p.123-127)

Essa responsabilidade, porém, também pode significar sobrecarga em agentes sociais que assumem a tarefa do ativismo diário, que trabalham na base, que transformam toda sua vida a partir do desenvolvimento coletivo, que aprendem ao longo do tempo a dar conta das diversas demandas de sua vida pessoal e de sua vida coletiva que se fundem; como é o caso de Roberta Melo que se desdobra para atuar na AFRIKA, concluir seu curso na universidade, e trabalhar na Associação Mutirão do Pobre; mesmo assim, todas essas experiências que são conjuntas em sua vida são fundamentais para o êxito dos trabalhos que acontecem até hoje na Associação e na AFRIKA.

No início deste capítulo são citadas duas integrantes que compõem a AFRIKA; conhecemos um pouco sobre Roberta Melo.

Agora vamos conhecer Chindalena Barbosa, autora do projeto “As mulheres negras têm história e as jovens negras estão aqui para contar”, escrito a partir de seu acúmulo de jovem negra inserida na militância política do Município de São Paulo.

A entrevistada nasceu em São Paulo e mora na região do Jaçanã(Tremembé); cursou Letras e atualmente é graduada em Pedagogia. Desde o início de sua narrativa demonstrou que esta é sua paixão; a vontade de fazer pedagogia lhe aguçou e ampliou a necessidade de aperfeiçoar seu trabalho com jovens, através do envolvimento na AFRIKA.

Filha de integrantes do movimento negro de São Paulo, sempre esteve envolvida com as questões que envolvem a população negra; ainda em sua adolescência, começou a pensar nas questões raciais sob sua própria perspectiva. Desde muito nova (entre 14 e 15 anos), participou de vários movimentos sociais, inclusive do movimento feminista; mas disse não se identificar justamente pelas mulheres negras serem sempre tratadas como um *recorte* dentro do movimento, por isso se aproximou cada vez mais do Movimento Negro.

No ano de 2008, a participação na segunda CONAPIR²⁸, foi fundamental para a escrita do projeto “As mulheres negras têm história e as jovens negras estão aqui para contar”, primeiro projeto em que a perspectiva afro-feminista internalizada é refletida em seus trabalhos.

As experiências que possui com a juventude negra na periferia do município fizeram com que percebesse que os jovens negros mesmo não tendo um grau de formação profundo sobre as questões raciais, têm plena consciência em suas palavras do “lugar do negro e do lugar do branco”.

²⁸ A 1ª Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CONAPIR), foi realizada entre junho e julho de 2005, período em que Matilde Ribeiro foi Ministra da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), encontro que pretendeu produzir o Plano Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (GOMIDE, 2005). A 2ª CONAPIR, aconteceu para encaminhar a "repactuação dos princípios e diretrizes aprovados na I Conapir" (SEPPIR, 2007), ambas em Brasília.

Figura 2 - Chindalena Ferreira Barbosa



Fonte: www.al.sp.gov.br

A partir de uma atividade em que os jovens das primeiras formações fizeram desenhos sobre este questionamento, evidenciando o quanto compreendiam como funcionam as relações raciais no Brasil, ou seja, a juventude negra não está alienada completamente; à sua maneira conhece sua situação de marginalidade; a criação deste projeto também parte dessa perspectiva respeitando as subjetividades das meninas e meninos que por ele passam.

Neste percurso ao longo do projeto, percebeu de que as meninas negras, ao tomarem consciência política das relações entre negros e brancos, começaram a *zoar* as educadoras brancas que também faziam parte, segundo a entrevistada, “as meninas estavam se achando tão à vontade, que elas estavam querendo revidar coisas que elas estavam vivendo no cotidiano, e aí como trabalhar na sensibilização?”²⁹.

Ao perceber a forma como estas meninas se colocavam, foi preciso para Chindalena Barbosa ter um *ponto de atenção* ao longo dos trabalhos, pois esta é uma questão extremamente delicada; a partir disso a entrevistada se pergunta: como lidar com esse processo?

²⁹ Entrevista de 29 de junho de 2016, realizada na Escola em que Chindalena Barbosa trabalha.

Além deste choque de reposicionamento, o choque de gerações dentro do Movimento Negro também é uma das pautas levantadas pela entrevistada, nessa relação entre a juventude, e os militantes mais antigos que atuam como multiplicadores a partir de seus acúmulos políticos.

Seu pai Milton Barbosa recebeu o convite pelas organizadoras do projeto “As mulheres negras têm história e as jovens negras estão aqui para contar” para ministrar as oficinas sobre relações raciais na edição deste ano. Logo na primeira aula, ele que segundo Chindalena Barbosa já é idoso, inicia perguntando se os jovens participantes têm alguma dúvida de que são negros; ela constrangida percebeu que os militantes mais antigos têm uma abordagem muito mais direta com a juventude; no dia do questionamento todos ficaram calados.

Mesmo com o constrangimento da situação, entende que esta forma mais *radical*, segundo seu pai, causa um confronto nos jovens que tem de olhar para si mesmos e se perceber enquanto jovens negros e que por vezes essa forma pode obter maior êxito. Fala também sobre as diferenças na atuação e nas estratégias dos militantes mais antigos e dos militantes mais novos dentro dos diversos movimentos, com a inserção das mídias digitais e ao mesmo tempo o desgaste na luta contra o racismo.

Para a entrevistada o movimento negro atual possui pouco êxito em relação à brutalidade que é o *genocídio* da população negra no Brasil, essa é uma das estratégias que ainda precisa ser profundamente debatida pelos militantes, pensando nas formas em que é possível combater a violência policial nas periferias de todo o país.

Pensando nesses momentos em que passaram durante as formações, e as reflexões que esse diálogo com a juventude gerou, uma das colocações mais importantes que ela faz é que se pudesse escolher escolheria não ter autoconsciência de seu lugar social enquanto mulher negra, pois este processo para as mulheres negras ao mesmo tempo em que é libertador é extremamente doloroso, através das diversas demandas que surgem.

Então como lidar com o autoconhecimento em uma sociedade que além de não valorizar tenta, através dos estigmas tanto falados ao longo desta pesquisa³⁰, rebaixar estas mulheres cristalizando a figura da mucama, da mulata e da nega maluca?³¹.

Como então reverter essa posição? Através do empoderamento individual? Do empoderamento coletivo? Da criação de políticas públicas? Da valorização da imagem e contribuição social destas mulheres? Da memória da história da diáspora e da ancestralidade

³⁰ Que geram entraves no acesso das mulheres negras ao mercado de trabalho, às universidades, à produção cultural, aos espaços de liderança e autonomia.

³¹ Para saber sobre a construção destes estereótipos em relação às mulheres negras, ver: GONZALES (1984).

africana?

Respostas complexas para serem resolvidas; para superar esses obstáculos cada mulher em cada canto deste país constrói sua própria forma de sobreviver e existir.

Certamente a militância e o ativismo político contribuem de forma significativa para a trajetória dessas mulheres, porém não se esgotam em ações isoladas em si; há uma construção diária de renovação de forças e ideais que precisam estar alinhadas entre o passado e os percursos do presente.

Chindalena Barbosa, que cresceu dentro do ativismo e da militância política, afirma que na AFRIKA as atividades culturais servem justamente para alcançar os objetivos das perguntas levantadas acima; a cultura serve como forma de aproximação com a juventude negra periférica, com que o projeto trabalha.

Essa agenda cultural do projeto girava em torno das oficinas; durante uma dessas, contaram com a presença de Tianna Pachel (Nova York, E.U.A)³². Chindalena Barbosa conta que Tianna desenvolvia na época, uma pesquisa sobre os ritmos e danças afros da América do Norte e da América Latina. Todas ficaram muito animadas e se divertiram muito com essa presença, a entrevistada lembra do brilho nos olhos de cada uma, pois a presença forte de Tianna, refletiu nas meninas uma identificação, segundo a entrevistada, "ela era negona né, uma afro negona, totalmente *nóis*, no jeito de dançar, no jeito de se colocar, acho que ela tinha Dread na época"³³; sua identidade afro tocou inclusive Roberta Melo. Segundo Chindalena Barbosa, esses são os momentos que ajudaram a empoderar as meninas, se conhecendo e valorizando sua própria imagem vendo-se no outro.

Dentre essas articulações é ligada há alguns anos aos movimentos de hip-hop da cidade, sempre que pode, comparece aos eventos para fortalecer as mulheres da *cena*; contudo, aponta para o fato de que "é muito raro ter mulher na agenda cultural", e quando tem, são consideradas radicais por pautar as questões de gênero dentro do movimento hip-hop.

O mesmo acontece nos espaços de decisão da *agenda cultural*, em suas palavras os debates sobre cultura são sempre *escorregadios*; sempre tentam tratar da diversidade, mas não conseguem lidar com os fatores sociais que atingem cada grupo de uma forma diferente quando está em pauta a questão racial no Brasil³⁴.

³² Deduzo que a AFRIKA, possui uma articulação com os movimentos negros do E.U.A, pois as duas entrevistadas citam esses momentos em que houveram trocas e participações no país.

³³ Entrevista de 29 de junho de 2016, realizada na Escola em que Chindalena Barbosa trabalha.

³⁴ A entrevistada revela que se sente muito mais fora do que dentro da cultura, pois, segundo ela, há uma tremenda dificuldade em discutir temas raciais nesses espaços.

[...] tem uma coisa de quando o branco vem tratar as nossas coisas que é como se escutar essa carne mais barata do mercado é a carne negra e dança e aí é podes crer, não, não é podes crer entendeu, não tem, como explicar é isso, isso que me irrita entendeu, e aí é principalmente na cultura, se na educação a gente põe para jogo, o debate vai para a porrada, na cultura é muito liso³⁵.

Esse campo escorregadio, talvez tenha nascido daquelas hierarquias tratadas no primeiro capítulo; essas sobreposições de valores culturais escondem a forma como o racismo, o machismo e o sexismo se revelam para a sociedade.

A partir dessa visão, no campo da cultura há uma tremenda diferença entre as produções realizadas pelas classes altas brasileiras e pelas periferias espalhadas nas metrópoles do país.

Portanto o comprometimento com a população através da cultura nessas produções periféricas demonstra o campo amplo que as linguagens culturais podem assumir, revelando a resistência política da população negra através do que a cultura pode oferecer, mesmo que este campo ainda esteja delimitado a partir do que se considera como *cultura boa* e *cultura ruim* (LEPOS, 2015).

Esses julgamentos de valores não silenciam as vozes periféricas que há alguns anos vem ressignificando esse estigma de ser *periférico*, de ser *mulher preta*.

3.2 JOVENS NEGRAS TECENDO MEMÓRIAS ANCESTRAIS

Eu sempre existi.
 Por mais que muitos não notassem a minha presença.
 Eu sempre estive aqui.
 Por mais que muitos ignorassem o sentir.
 Eu já fui bicho, fui sentimentos, fui terra, fui vento...
 E por muito tempo fui mar.
 Hoje sou deusa e antes mesmo de ser deusa eu já era natureza.
 Salve, mulher preta.
 Dricca Silva (Grupo de poesia Resistência Poética)

Nesta perspectiva apresentada pelas entrevistadas, a AFRIKA, vem atuando na periferia do município de São Paulo, com projetos voltados para a produção cultural onde o Estado não atua; também produzindo pesquisas e levantamentos a partir de suas ações acerca das problemáticas de enfrentamento ao racismo, machismo e sexismo; seus projetos lidam diretamente com a juventude negra e são gerenciados autonomamente por jovens comprometidos com o debate das relações étnico raciais e das relações de gênero, que busca através de editais de políticas públicas e privadas, financiamentos para os diversos programas que executa.

³⁵ Entrevista de 29 de junho de 2016, realizada na Escola em que Chindalena Barbosa trabalha.

O projeto “As mulheres negras têm história e as jovens negras estão aqui para contar” escrito por Chindalena Barbosa, carrega em sua formação bases profundamente influenciadas por seu trânsito entre o Movimento Feminista, o Movimento Negro e o Movimento de Mulheres Negras³⁶.

As leituras, as atividades e as oficinas que são realizadas no projeto demarcam esse ponto de partida qual Chindalena Barbosa e as companheiras da AFRIKA delimitaram espaços de diálogos que promovem gradativamente uma interlocução direta entre as correntes dentro destes movimentos e a ligação com o cotidiano da juventude que participa das atividades.

Muitos parceiros estão envolvidos nessa construção, dentre eles já foram e são realizadas em convergência com o Gelédés – Instituto da Mulher Negra e a Articulação Política de Juventudes Negras³⁷.

Sua história, neste formato atual, começa entre 2007; neste ano contribuíram na organização do CD Rom “Mulheres Jovens e Direitos Humanos, do I Encontro Nacional de Jovens Feministas no Estado do Ceará, da Segunda Semana da Mulher Jovem em São Paulo e foram selecionadas pelo Minc (Ministério da Cultura) para a execução de um projeto sobre Diversidade Sexual e Cultura³⁸.

Mas o surgimento e a primeira semente para brotar o projeto “As mulheres negras tem história e as jovens negras estão aqui para contar”, um dos ganchos da AFRIKA, que é formada por homens e mulheres³⁹, acontece no ano seguinte; segundo Chindalena Barbosa muitas jovens feministas estavam saindo, permanecendo as jovens que eram mais ligadas as correntes dos movimentos de mulheres negras e da vertente Afro-feminista, essa realocação de participantes deu a AFRIKA a “cara” que ela tem hoje, voltada, sobretudo as questões da juventude negra.

Neste mesmo período estas jovens participaram de vários movimentos, articulações e da segunda CONAPIR, destas participações a Conferência de Mulheres na comissão da câmara do Estado de São Paulo, foi também importante na organização e acompanhando do processo Estadual e Nacional; nesses encontros diversos jovens negras estavam presentes daí surgiu o desejo de Chindalena Barbosa em saber mais sobre a história das mulheres negras:

³⁶ Para saber mais sobre o processo de organização do movimento de mulheres negras ver RIBEIRO, Matilde (1995); RIBEIRO, Matilde (2006); BAIRROS, Luiza (1995).

³⁷ Segundo Chindalena Barbosa, por algum tempo, as duas organizações trabalharam juntas, inclusive a cartilha foi publicada com o apoio de ambas, mas em algum momento desvincularam-se, pois a AFRIKA decidiu ter mais autonomia nos seus fazeres, separando as direções e coordenações que trabalhavam em conjunto.

³⁸ AFRIKA (2009)

³⁹ Chindalena Barbosa afirma que na AFRIKA os homens também participam como colaboradores; porém a direção é composta sempre por mulheres, para que a Associação não perca seu caráter inicial, com foco nas questões de gênero e raciais.

Saber quem somos é enfim saber quem eram nossas lideranças no passado e naquela atualidade, ai quando eu voltei para São Paulo eu voltei escrevendo esse projeto que eu já tinha lido uma cartilha de história de mulheres negras do grupo de mulheres negras da Baixada Santista que eu peguei no encontro do grupo Fala Preta, e eu achei que a gente poderia fazer esse processo e replicar essa experiência com o grupo de mulheres ativas aqui em São Paulo, mas quando eu me dei conta que cada uma era de um lugar do Estado e da cidade, era difícil unir todas constantemente para poder fazer esse trabalho de estudo, de reflexão e produção de material, então a gente resolveu ir para uma comunidade, para um bairro que foi o jardim Fontales na biblioteca comunitária, e quem tocava era uma jovem negra⁴⁰.

Todo ano desde 2009 exceto entre 2011 e 2012 a AFRIKA realiza esse projeto que possui aulas de formação teórica, alternadas a cada quinze dias entre a formação sobre relações étnico raciais e a formação sobre relações de gênero, além das oficinas⁴¹ que segundo as duas entrevistadas foram fundamentais para atrair o público, pois a parte de formação do curso não é muito atrativa a princípio, mesmo em uma região onde a maioria dos jovens são negros.

Figura 3 - Convite da festa de fim de ano da primeira turma formada no curso “As Mulheres Negras tem história e as jovens negras estão aqui para contar” em 2009



Fonte: AFRIKA (2009).

A falta de empatia por processos educacionais e formativos vem diretamente ligada ao

⁴⁰ Entrevista de 29 de junho de 2016, realizada na Escola em que Chindalena Barbosa trabalha.

⁴¹ Nas primeiras edições foram realizadas oficinas de fotografia, estética afro com as oficinas de tranças, de teatro mba rock, e esporadicamente de hip-hop além das atividades que acontecem em paralelo na Associação Mutirã Pobre, onde hoje o projeto funciona.

sistema de ensino que muitas vezes não colabora com a formação desses jovens; ao contrário, os afasta da educação formal prestando um desserviço à população; além das tantas outras causalidades que estes jovens enfrentam para permanecer e participar no ambiente escolar.

Dentre estes percursos Roberta Melo aponta para o fato de a juventude da região estar imersa a uma cultura de consumo, o desejo de ter coisas, ter motos, ter roupas de marca, faz com que a juventude busque no mercado de trabalho o suprimento de suas necessidades, o que lhes impossibilita um pleno aproveitamento dos processos educacionais como um todo, pois o espaço do trabalho nega presença integral no ambiente escolar.

A partir de sua experiência com esta juventude, relata que na região não há um incentivo a partir das escolas, por exemplo, para que os jovens ingressem no ensino superior, a maior parte da juventude que frequenta este projeto, compartilha com ela, que mal conhece a USP e que para ingressarem no ensino superior deverão fazer um esforço financeiro, pois apenas o ensino superior particular lhes é acessível.

Por isso é de extrema importância que projetos sociais sejam desenvolvidos nas periferias do Estado, pensando que estas lacunas precisam ser preenchidas a partir de uma visão muito mais íntima da sociedade. Nesse sentido o encontro entre a AFRIKA e a Associação Mutirão do Pobre faz a maior diferença no dia-a-dia da juventude que a frequenta.

Começando na Biblioteca Comunitária Jardim Fontáles, o projeto “As Mulheres Negras tem história e as jovens negras estão aqui para contar” migrou para a Associação Mutirão do Pobre que funciona há muitos anos na região e abriga diversos trabalhos e atividades sociais e culturais⁴² que acontecem com o apoio da Prefeitura do Estado e também é um Centro de Juventude Helenira Resende, em paralelo com o projeto da AFRIKA, onde a estrutura (segundo as interlocutoras) foi bem melhor para o funcionamento das ações e atividades que o projeto realiza do que na Biblioteca espaço que não possuía essa dimensão institucional que a Associação possui, acolhendo a AFRIKA como parte de suas propostas.

Essa questão da institucionalidade (pois a biblioteca funcionava em uma casa doada) levantada provocou uma certa desconfiança nos moradores, pois ações organizadas pela

⁴² Durante as visitas na Associação, ainda em janeiro de 2016, no processo de sondagem para o trabalho de Interlocução com Roberta, presenciei a chegada de um jovem negro que queria realizar um projeto para se inscrever no edital do Programa Vai deste ano, o projeto se tratava de uma gincana de caça ao tesouro com crianças estimulando o folclore nacional através das brincadeiras (para se inscrever no edital é preciso ter uma carta de comprovação para o uso do espaço que o grupo irá realizar seu projeto) para negociar a realização das atividades. A Associação Mutirão do Pobre, que possui diversas salas, refeitório, sala de informática e um espaço aberto bem amplo, onde funciona também uma horta, gerida pela comunidade que a frequenta; dentre outras atividades realizadas (os jovens recebem refeições diárias e um auxílio transporte) proporciona a juventude, um espaço que possui uma atenção especial com seu público nesta região, e faz um trabalho de extrema importância para a sociabilidade e cidadania da juventude periférica.

juventude em alguns casos não são vistas com a devida seriedade, além de que há um afastamento da população negra a sua própria história, realidade para parte significativa da população, nesse momento o chamamento para as atividades se deu através da aproximação entre a AFRIKA e a comunidade do Jardim Fontáles.

Nas palavras de Roberta Melo o Mutirão do Pobre “é uma Associação que abre muito para ideias, para as parcerias, então é uma coisa de realmente fazer um trabalho em redes”⁴³, a aproximação da AFRIKA com a Associação aconteceu através do seu intermédio, segundo a mesma essa três localidades formam um tripé, articulação importante para a região já que não existe nenhuma outra Associação que traga e desenvolva projetos voltados para a juventude negra a partir de suas demandas; foi também graças a entrada da AFRIKA que a Associação passou a dialogar com estas questões.

Além do curso e das oficinas que o projeto executa, o lançamento da primeira cartilha “Somos Todas Rainhas”, como já demonstrado acima, inspirada na cartilha produzida pela Casa de Cultura da Mulher Negra na baixada Santista⁴⁴, que serviria como material para apresentar as metodologias usadas durante todo o trabalho com as turmas e de como faziam suas atividades no dia-a-dia.

Figura 4 - Capa da cartilha “Somos Todas Rainhas”.



Fonte: BARBOSA, Cindalena (2016).

As entrevistadas explicam que com o tempo a partir das demandas das(os) jovens que participavam e que desejavam saber a história das mulheres contemporâneas e não somente as mulheres do passado e das orientações da historiadora Gisele Cristina Anjos dos Santos⁴⁵,

⁴³ Entrevista realizada em 06 de junho de 2016, na Associação Mutirão do Pobre.

⁴⁴ Escrita por Alzira Rufino, Nilza Iraci e Rosa Pereira, ambas feministas e agentes na luta por igualdade e garantia de direitos da população negra. BARBOSA, Cindalena (2016).

⁴⁵ No documentário “25 de Julho: Feminismo negro em primeira perspectiva” (2013) dirigido por Avelino Regicida, diversas mulheres negras da periferia do município de São Paulo, compartilham suas perspectivas acerca do feminismo e das histórias que perpassam por suas construções enquanto mulheres negras, artistas,

jovem que também faz parte da periferia do município. O resultado mudou; ao invés de usarem as metodologias de trabalho resolveram fazer uma cartilha que conta a história de diversas mulheres negras importantes no curso de processo sociais, além de trazer as ligações sociais e culturais com o continente africano apresentando a sua história antes do processo de colonização e pensando sobretudo em disponibilizar esse material para circular e auxiliar na aplicação das diretrizes da Lei 10.639:

[...] no final virou um material que a gente achou mais estratégico de resgate histórico mesmo do passado, fazendo uma reflexão de antes da escravidão, a gente na cartilha tentou fazer essa junção do ontem e do hoje então tem uma parte de poemas que a gente troce, então tem uma parte que fala da Nizinga a gente pega o grupo Nzinga de capoeira, quando ela fala da Akotirene na poesia a gente pega a Carla Akotirene da Bahia que adotou o nome Akotirene então quando ela fala de Alquatune a gente pega a Zezé Mota quando interpretou Chica da Silva⁴⁶.

Essa dialética entre o passado e o presente promove um movimento de infinitude, um movimento que não apenas celebra, evidencia a ancestralidade africana presente na história e nos processos das mulheres negras nas diásporas pelas Américas; é um movimento de afirmação positiva que permite que a juventude consiga se localizar e se autoidentificar não a partir apenas do que é vinculado como ruim ou da *África teórica*⁴⁷ e distante de suas realidades.

Principalmente através de um processo que as duas interlocutoras evidenciam, que é o processo de fortalecimento dos grupos de adolescentes que passaram pelo projeto, contribuindo para que juventude esteja ciente de que o racismo é um produto social e não pessoal e individual, esse fortalecimento realoca a juventude a começar a acreditar em si mesma, a construir sua autoestima, a encontrar nas identidades culturais caminhos para exercer sua cidadania; nas palavras de Roberta Melo, saber que apesar de sua localização social ser vinculada ao negativo compulsoriamente, podemos nos apropriar dessas ferramentas que o conhecer a si mesmo transmite e construir um novo caminho que não o traçado pelo senso comum, de que na periferia não há possibilidade de brotar belas flores, pois é considerado o espaço da violência, da carência e da submissão.

A respeito desse fortalecimento que o projeto proporciona as meninas e meninos que por ele passam, Chindalena Barbosa, relata um dos motivos de o projeto ter se deslocado da Biblioteca para a Associação:

intelectuais escritoras, etc. Na abertura do documentário Gisele Cristina Anjos dos Santos, recita o poema que fecha a cartilha e relaciona essas diversas mulheres do passado africano e do presente diaspórico, que são ignoradas pela história contada sobre o Brasil e a população negra brasileira.

⁴⁶ Entrevista de 29 de junho de 2016, realizada na Escola em que Chindalena Barbosa trabalha.

⁴⁷ Essa referência de África teórica, é a partir da música Mulher da Costa, da banda Aláfia.

Como por mais que a gente cuidou muito da escuta e hoje já faz uns aninhos o que a gente vê, é que as meninas ficaram muito mais fortalecidas em se posicionar sobre o que elas querem e isso a gente veio percebendo já durante o projeto, desde uma experiência que um pai quis tirar uma jovem, que ela estava muito saidinha na escola, por que ela quis participar do grêmio estudantil, começou a aparecer mais do que ele que participava do conselho de pais, até meninas que trouxeram reflexões sobre sua primeira sexualidade da primeira vivência sexual na verdade, quando elas dizem, elas traziam relatos de que os meninos queriam namorar com elas porque eles queiram transar com elas e elas faziam uma reflexão do desejo delas nesse processo então pra gente foi um ganho por que elas se colocando, tá independente se ele tinha esse objetivo, essa coisa de que, porque elas se sentiam usadas, qual era o seu desejo nesse processo? E foi justo um grupo de meninas por coincidência que já eram uma gangue por si, elas se nomeavam como gangue e uma vez elas falaram pra gente, que como a gente as vezes levava muito lanche e com o recurso para dar a bolsa deles, elas falavam que não era pra gente se preocupar não, que a gente tava segura com elas, é diferente pra gente nesse sentido de ver como é que elas foram ficando cada vez mais unidas entre elas, enquanto mulheres jovens mesmo.⁴⁸

O machismo e o racismo são marcadores que cruzam a vivência das mulheres negras, sobretudo durante a juventude que além de as mulheres serem forjadas pelas dinâmicas externas ao seu contexto familiar, também podem em alguns casos ser forjadas por seus pais, irmão, primos, tios, todos aqueles que compõem o núcleo da família, pela dependência econômica e pela falta de autonomia na construção identitária ainda em processo de formação durante a juventude que, quando foge dos padrões comportamentais estabelecidos como normais é considerada rebelde, maluca, fora do normal, fora do eixo; nesse sentido é que o que se entende do Patriarcado atinge as casas e as famílias negras.

Essa produção de submissão e subserviência da mulher negra nasce no processo de escravização do *povo negro* no Brasil, e a reversão desses espaços construídos é dolorosa e algumas vezes um processo longo a ser suprimido pelas mulheres, através de lutas coletivas e individuais; estes processos apesar de serem estruturais em nossa sociedade atingem cada pessoa e os mecanismos que cada uma encontrará para suas reversões ou tentativa de reversões também serão diversos a partir de suas subjetividades e contextos.

Na narrativa de Roberta Melo que passou pelo projeto primeiro como educanda, depois educadora e atualmente coordenadora de projetos, aparece também esse sentimento de pertença e fortalecimento individual.

Portanto a construção identitária da juventude negra permeia esses processos de formação em grupos, sejam eles políticos, culturais, religiosos, movimentos estéticos, artísticos; a partir da visão que esse jovem possui de si mesmo e do mundo ao seu redor.

Se retomarmos a construção histórica e ideológica de estereótipos das mulheres e homens negros no Brasil, a mulher negra foi vitimada pelo abuso físico, sexual e psicológico e

⁴⁸ Entrevista de 29 de junho de 2016, realizada na Escola em que Chindalena Barbosa trabalha.

o homem negro explorado como corpo do e para trabalho (SILVA, Silvane, 2011, p.167). Nessa lógica que perdura até os dias de hoje, como este indivíduo poderá sentir-se à vontade e autoconfiante fora desse grupo que o acolhe e constrói junto esse sentimento de pertença e coletividade? Como esta juventude encara o mundo lá fora? Quais são as ferramentas que ele vai usar para combater o racismo, se o racismo é um problema estrutural, se no momento que assumir sua identidade ou múltiplas identidades será que vai conseguir lidar com a forma negativa que a sociedade enxerga a população negra?

Nilma Lino Gomes (2006) evidencia, porém, que não é apenas a construção identitária negra que passa por essas situações de conflitos, o que a autora chama de “zona de confronto”, segundo ela, cabelo crespo e corpo negro são marcados na sociedade a partir da construção cultural que o Brasil possui e essa construção identitária está ligada diretamente com a estética africana e seus significados; portanto esse “olhar de dentro” ao qual a autora se refere em seu livro, está marcado pelo impacto coletivo que causa ao grupo que “ultrapassa o indivíduo” e suas subjetividades através dessa valorização estética que não está somente ligada a processos de *embelezamento*⁴⁹ ou apenas ao que é sempre relacionado as mulheres como a vaidade obrigatória de "ser feminina", de "ser mulher"; segundo a autora, esse posicionamento em relação à estética negra vai moldar “as relações raciais” no país; vai informar os conflitos que essas pessoas vão encontrar dentro e fora de seus grupos de convivência, de valorização, autoconhecimento e ao mesmo tempo de exclusão e estereotipia.

Esse conhecer a cultura, conhecer a história, conhecer a estética, esse “tornar-se negro”⁵⁰, tornar-se negro com diversas aspas, pois não existe um padrão de ser negro.

Faz parte do processo de formação de diversos grupos culturais e indivíduos, que desenvolvem atividades nas periferias do Estado, é importante salientar que esses parâmetros identitários não formam uma unidade imutável e cristalizada, cada grupo a sua maneira vai enxergar e visibilizar aspectos que são próximos a cada um dos integrantes.

Esse processo a construção coletiva da AFRIKA projeta em Roberta Melo, um novo núcleo quase familiar, enxergando-se nos outros integrantes, e o quanto esse fortalecimento passa a ser fundamental para o crescimento pessoal e para o fortalecimento a partir das subjetividades postas em circularidade para integrantes presentes e futuros:

[...] a gente ta coletivamente também em um grupo, que esse grupo também te fortalece, porque não é somente a Roberta sozinha, a Roberta ela é, eu costumo falar

⁴⁹ Beleza também pode ser entendida como um fenômeno construído; precisamos sempre nos perguntar a partir de quais parâmetros a beleza no singular está postulada, beleza em relação ao que? A quem?

⁵⁰ SOUZA, Neusa Santos(1991) apud GOMES, Nilma Lino (2006).

que eu sou pedacinhos de muita gente, eu sou pedacinhos da Chindalena, quando ela trás sempre no discurso dela o fortalecimento da mulher, eu sou pedacinhos do Samori, quando ele fala sobre a questão da juventude a questão racial, eu sou pedacinhos da Jade quando ela fala do social, o brilho dos olhos dela também me preenche no sentido, que a gente faz hoje em dia tem sentido sabe pra poder superar esses desafios dos jovens que a gente atende, das crianças que a gente atende, porque a gente já passou por isso, ninguém aqui faz parte de uma elite, a gente ta também, a gente mora nessa periferia sabe, então nossas experiências são muito das experiências dos jovens e das crianças que a gente atende hoje, e ai acaba que a gente é exemplo referência, então isso pra mim é muito importante, eu aprendi nesse momento que eu entro no movimento negro, nesse momento que eu entro no movimento social que a gente tem que trabalhar também com esse olhar de dentro⁵¹.

No corrente ano a AFRIKA conseguiu desde 2015 participar e formatar um Ponto de Cultura que é um programa Federal; assim como o projeto o Ponto de Cultura, que se chama Centro Cultural Afrika, também é voltado para a história das mulheres negras e o resgate cultural dos povos africanos, coordenado por Roberta Melo; esse processo vai culminar também na produção e lançamento do segundo volume da cartilha, que resultou do trabalho das primeiras turmas, material esse de suma importância não só para o projeto mas também para uso pedagógico de outras instituições.

O papel desse *fortalecimento* coletivo que o projeto possui ultrapassa o reconhecimento da história e da importância que as mulheres negras têm na sociedade brasileira; a *elevação da autoestima* de jovens através de *referenciais positivos* pode vir a construir formas de tentar lidar com o racismo no seu dia-a-dia⁵².

Contribui não apenas com os jovens que dele participam, mas também com as possibilidades de estes jovens multiplicarem os conhecimentos, reflexões e compartilhamentos no desenvolvimento de cada turma com seus familiares, amigos e sociedade.

⁵¹ Entrevista, realizada em 06 de Junho de 2016, na Associação Mutirão do Pobre.

⁵² Esses foram os pontos principais abordados pelas entrevistadas e na literatura sobre a AFRIKA.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos capítulos apresentados é possível perceber, que o racismo no Brasil permeia todos os campos estruturais e de convivência; suas bases estão fincadas em processos políticos que ainda não foram revertidos, perpetuado as margens do sistema colonial, mesmo em um período histórico completamente diferente, os resquícios deste outro sistema político e econômico permanecem contemporaneamente.

Através dos diversos estereótipos que foram legados a população negra brasileira e da exclusão social e financeira que a maioria dessas pessoas tem de enfrentar, criando meios para não sucumbir totalmente diante das problemáticas neste território marcado por contradições.

Hoje em dia, esse fenômeno ainda aparece disfarçado nos discursos de igualdade, diversidade e democracia; ora não podemos ainda afirmar que somos iguais enquanto a população negra sofrer discriminação; esses discursos só terão efeito quando realmente todas as *pretas* e todos os *pretos*, possuírem a mesma possibilidade de acesso que a população branca hegemônica possui.

Efeito que poderá influenciar a cultura brasileira, deixando de reproduz o racismo em suas bases, mas como pudemos perceber a cultura não é apenas o espaço de reproduzir visões hegemônicas do mundo, através da cultura também é possível nos alimentarmos de outros modelos de sociedade, a partir do momento em que a cultura deixar de ser tratada como algo efêmero, a parte das relações sociais; portanto tudo depende da forma em que os processos são conduzidos no campo da produção cultural.

Enquanto isso não acontece, entendemos também que as mudanças estruturais são extremamente complicadas de serem realizadas devido todo o contexto político brasileiro.

Portanto, ações como as da AFRIKA são de extrema relevância para contribuir pontualmente com a juventude negra, sobretudo com as meninas e adolescentes negras que passam pelos projetos desenvolvidos por agentes profundamente comprometidos com sua comunidade.

Essas ações que fundem cultura, ativismo e política possibilitam a essas jovens terem um novo olhar sobre si mesmas e, segundo as entrevistadas, também construir ferramentas para combater o racismo em seu dia a dia.

As narrativas dessas e de tantas outras mulheres negras permanecem cruzadas por caminhos que demonstram o quanto o racismo e o machismo são fatores que marcam profundamente as trajetórias; sendo o processo para reversão destas marcas construídos subjetivamente a partir da experiência e acúmulo de cada jovem, de cada mulher.

Percursos esses alimentados por várias gerações de intelectuais, artistas, ativistas, militantes políticos, educadoras que tentam buscar soluções concretas para empoderar a população negra a partir de suas próprias perspectivas, entendendo também que esse processo não está desligado de mudanças políticas, de combate e denúncia ao racismo, que estigmatiza e extermina a juventude negra brasileira há muitos anos, através da exclusão econômica, da violência policial, da falta de investimentos educacionais nas periferias urbanas, e como dito no primeiro capítulo nas tantas outras *faltas* do Estado em relação a população no Brasil.

REFERÊNCIAS

- AFRIKA, Associação Frida Kahlo, 2009. Disponível em: afrikaorg.blogspot.com.br. acesso em 22 de Maio de 2016.
- ALMEIDA, Renato Souza de, Cultura de periferia na periferia, 2011. Disponível em: <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=995>. Acessado em: 20 de Outubro de 2016.
- BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados, p.458-463. In Revista de Estudos Feministas, IFCS/UFRJ – PPCIS/UERJ, VOL.3 N. 2. (1995)
- BARBOSA, Chindalena, Somos Todas Rainhas, 2016. Disponível em: <http://www.afrika.org.br/2016/somos-todas-rainha/>. Acesso em: 7 de Agosto de 2016
- BIBLIOTECA LIVRE'ANDANTE, Chindalena Ferreira Barbosa (Org.) - Somos Todas Rainhas, 2016. Disponível em: bibliotecalivrandante.blogspot.com.br/2016/08/chindalena-ferreira-barbosa-org-somos.html?m=1. Acesso em: 22 de Setembro de 2016
- CEPHA, Meu nome, minha identidade, 2011. Disponível em: <https://cenpah2.wordpress.com/2011/08/09/meu-nome-minha-identidade/>. Acesso em: Acesso em: 06 de nov. 2016
- CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais; tradução de Viviane Ribeiro,-- Bauru: EDUSC,1999. Cap5 p. 143-170; Cap.6 p. 175-177
- GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006
- GOMIDE, Denise, Encarte Pauta Especial: 1º Conferência de Promoção da Igualdade Racial, Ano XIII - Cunhay, Abril/Julho,2005.
- GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura a Brasileira in: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p.223-244.
- IBGE, Cidades, 2016. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=355030>. Acesso em: 06 de nov. 2016.
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. – Rio de Janeiro: Zarar, 1986.
- LEPOS, Luiza Maria Paixão. Do direito à cultura: Reafirmando a Cultura como Direito Universal. Revista Observatório da Diversidade Cultural Volume 2 Nº1, 2015. Disponível em: <http://observatoriodadiversidade.org.br/revista/>. Acesso em: 18 de Outubro de 2016.
- MUNANGA, Kabenguele. Origens africanas do Brasil Contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações, São Paulo: Global, 2009.
- OBSERVATÓRIO DE JUVENTUDES NEGRAS. Juventudes Negras do Brasil, trajetórias e lutas, 2012 – 1ª edição

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher Negra: afetividade e solidão*. – Salvador: EDUFBA, 2013.

REICHMANN, Rebecca. *Mulher negra brasileira: Um retrato*. In *Revista de Estudos Feministas, IFCS/UFRJ – PPCIS/UERJ, VOL.3 N. 2*. 1995.

RIBEIRO, Matilde (org). *Políticas de igualdade racial: reflexões e perspectivas*. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2012.

RIBEIRO, Matilde. *O Feminismo em Novas Visões e Rotas*. *Estudos Feministas, Florianópolis, 14(3): 272, setembro-dezembro/2006*.

SANSONE, Livio; PINHO, Osmundo Araujo. *Raça: novas perspectivas antropológica*. - 2 ed. rev. Salvador : Associação Brasileira de Antropologia : EDUFBA, 2008.

SANTOS, José Luis dos. *O que é cultura*. – São Paulo: Brasiliense, 2003. – (Coleção primeiros passos; 110).

SANTOS, Milton. *Pobreza Urbana*. – 3.ed.,1. Rempir. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização: do pensamento único á consciência universal*. - 22º ed.- Rio de Janeiro: Record, 2012.

SANTOS, Márcio André de Oliveira. *Política negra e democracia no brasil contemporâneo: reflexões sobre os movimentos negros*. p. 227-258. In.HERINGER, Marlene de Paula Rosana.(org). *Caminhos Convergentes: Estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil* - Rio de Janeiro : Fundação Heinrich Boll, ActionAid, 2009.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. *Via Vai: Perspectivas e caminhos percorridos*, 2012.

SCHUMAM, Lia Vainer. *Entre o “encardido” o “branco” e o branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Orientadora Levy Sato. – São Paulo, 2012. 160 f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicología. Área de Concentração: Psicología Social) – Instituto de Psicología da Universidade de São Paulo.

SEPPPIR, *Boletim Informativo da II Conapir- Edição 1. Ano 1, , 2007*

SILVA, Silvane. *Racismo e Sexualidade nas Representações de Negras e Mestiças no Final do Século XIX e início do Século XX*, p. 161-182. In. *História do negro no Brasil, escravidão, gênero, movimentos sociais e identidades*. São José: Premier, 2011. LOPES, Maria Aparecida de Oliveira (org.).

SOUZA, Ana Lúcia Silva [et al...]. *Salvador:: Centro de Estudos Afro- Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2005*.

SOUZA, Valmir. *Políticas culturais em São Paulo e o direito a cultura*. 2012. Disponível em: <http://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/files/2012/09/Valmir-de-Souza.pdf>. Acessado em: Julho de 2016.

SPCULTURA, Fomento a Cultura da Periferia, 2012. Disponível em:
<http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/projeto/2108/>. Acesso em: 10 de outubro de 2016.

APÊNDICE

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS: QUESTIONÁRIO SEMI-ABERTO

PRIMEIRO BLOCO

1. NOME?
2. IDADE?
3. LOCAL ONDE NASCEU?
4. LOCAL ONDE MORA ATUALMENTE?
5. ESCOLARIDADE?
6. VOCÊ SE AUTO IDENTIFICA EM ALGUMA RAÇA OU COR ?

SEGUNDO BLOCO

7. QUANDO COMEÇOU A PARTICIPAR DA ASSOCIAÇÃO AFRIKA?
8. EM QUAL FUNÇÃO ATUAVA E/OU ATUA?
9. QUANDO COMEÇOU A PARTICIPAR DO PROJETO “Mulheres negras tem sua história e as jovens negras estão aqui para contar”?
10. QUAIS AS MOTIVAÇÕES PARA PARTICIPAR DESTE PROJETO?
11. QUAIS IMPACTOS O PROJETO TEM/TEVE EM SUA VIDA?
12. VOCÊ AINDA MATEM ENVOLVIMENTO NO PROJETO?

TERCEIRO BLOCO

13. QUAIS OS EMPACTOS, VOCÊ ACHA QUE OS JOVENS QUE PARTICIPARAM DO PROJETO TIVERAM EM SUAS VIDAS?
14. VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTE QUE ESTE TIPO DE PROJETO ACONTEÇA NA PERIFERIA DE SÃO PAULO?
15. QUAL A RELEVÂNCIA DESTE TIPO DE PROJETO PARA A JUVENTUDE NEGRA NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO?

QUARTO BLOCO

16. VOCÊ ENCONTROU ALGUMA DIFILCULDADE PARA PARTICIPAR ATIVAMENTE NA ÁREA CULTURAL?
17. VOCÊ PROVAVELMENTE TEVE CONTATO COM MUITAS MULHERES NEGRAS, EM ALGUM MOMENTODURANTE ESTA TRAJETÓRIA, VOCÊ PRESENCIOU ALGUM ATO DE RACISMO E OU MACHISMO?
18. QUAIS SÃO AS MAIORES DIFICULDADES DE EXECUTAR PROJETOS COMO ESTE AO QUAL VOCÊ PARTICIPOU?
19. QUAIS OS MAIORES IMPACTOS PARA A SOCIEDADE E PARA A COMUNIDADE AO ENTORNO DO LOCAL ONDE ELE FOI REALIZADO?